



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

IZABELLE CRISTIANE SIQUEIRA NOSSA

**HÁ MORTOS MAIS VIVOS QUE MUITOS VIVOS: AVÓS NÃO CONHECIDAS E
IDENTIDADE DE NETAS**

Salvador - BA
2021

IZABELLE CRISTIANE SIQUEIRA NOSSA

**HÁ MORTOS MAIS VIVOS QUE MUITOS VIVOS: AVÓS NÃO CONHECIDAS E
IDENTIDADE DE NETAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), para a obtenção de título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos

Salvador - BA
2021

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

N897 Nossa, Izabelle Cristiane Siqueira

Há mortos mais vivos que muitos vivos: avós não conhecidas e identidade de netas / Izabelle Cristiane Siqueira Nossa . – Salvador, 2021.

78 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos.

1. Transgeracionalidade 2. Identidade 3. Memórias 4. Netas 5. Avós 6. Histórias de Vida I. Bastos, Ana Cecília de Sousa Bittencourt – Orientadora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. III. Título.

CDU 316.356.2-055.53

TERMO DE APROVAÇÃO

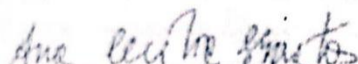
Izabelle Cristiane Siqueira Nossa

**"HÁ MORTOS MAIS VIVOS QUE MUITOS VIVOS: AVÓS DESCONHECIDAS
E IDENTIDADE DE NETAS"**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 28 de novembro de 2019.

Banca Examinadora:


Prof.ª Dr.ª Ana Cecilia de Sousa Bittencourt Bastos
Orientador(a) - (UCSAL)


Prof. Dr. Marcio Santana Silva - (UNIFACS)


Prof.ª Dr.ª Elaine Pedreira Rabinovich - (UCSAL)


Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier - (UCSAL)

Dedico este trabalho à minha linhagem feminina materna, representada pela minha avó, minha tia Lúcia, minha mãe e minha única e indispensável irmã. Orgulho-me de ter o sangue de vocês correndo em minhas veias!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, meus singelos agradecimentos à minha avó Leonídia (*In Memoriam*), de quem sinto orgulho de ser neta.

À minha estimada mãe, pelo amor e apoio incondicional, que, mesmo inconscientemente, foi a grande incentivadora deste meu estudo.

Ao meu pai, que me fortalece e, pacientemente, escuta as minhas descobertas e indagações.

À minha irmã, pela confiança no meu progresso e pelo apoio emocional.

A Paulo, companheiro de vida, pela compreensão e paciência demonstradas durante o período do projeto.

À minha tia Lúcia (*In memoriam*), que sempre esteve e continua na minha torcida. Tenho a certeza de que, onde quer que esteja, está orgulhosa de mim.

Deixo um agradecimento especial à minha orientadora, Profa. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos, que acolheu o meu projeto desde o início, e que, ao longo desta caminhada, compartilhou comigo tantos saberes acadêmicos quanto de vida. Afinei-me desde o início com a sua doçura, paciência e firmeza.

O meu agradecimento também à minha xamã, Profa. Dra. Elaine Rabinovich, que, despretensiosamente, me lançava inquietações através de textos e diálogos. Profa. Dra. Elaine é o tipo de pessoa que impulsiona todas as demais a alcançarem lugares cada vez mais altos. A sua humildade me inspirou profundamente. Que prazer poder compartilhar o mestrado com ela, jamais me esquecerei.

Ao professor Dr. Rafael Fornasier, sempre tão solícito e disponível. Como é bonito ver o prazer dele pelo saber e pelo ensino! Uma verdadeira inspiração para mim!

Ao grupo de pesquisa Família, (Auto)biografia e Poética (FABEP), pelo compartilhamento de textos e saberes, e por todos os membros ali, sem exceção, me servirem de inspiração.

A todas as participantes entrevistadas, que aceitaram voluntariamente contribuir para este estudo, pelo envolvimento e pela confiança ao compartilharem suas histórias de vida e seus sentimentos.

Também quero agradecer à Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

*“Só te conheço de retrato,
não te conheço de verdade,
mas teu sangue bole em meu sangue
e sem saber te vivo em mim
e sem saber vou copiando
tuas imprevisas maneiras,
mais do que isso: teu fremente
modo de ser, enclausurado
entre ferros de conveniência
ou aranhóis de burguesia,
vou descobrindo o que me deste
sem saber que o davas, na líquida
transmissão de taras e dons,
vou te compreendendo, somente
de esmerilar em teu retrato
o que a pacatez de um retrato
ou o seu vago negativo,
nele implícito e reticente,
filtra de um homem; sua face
oculta de si mesmo; impulso
primitivo; paixão insone
e mais trevosas intenções
que jamais assumiram ato
nem mesmo sombra de palavra,
mas ficaram dentro de ti
cozinhadas em lenha surda.
Acabei descobrindo tudo
que teus papéis não confessaram
nem a memória de família
transmitiu como fato histórico
e agora te conheço mais
do que a mim próprio me conheço,
pois sou teu vaso e transcendência,
teu duende mal encarnado.
Refaço os gestos que o retrato
não pode ter, aqueles gestos
que ficaram em ti à espera
de tardia repetição,
e tão meus eles se tornaram,
tão aderentes ao meu ser
que suponho tu os copiaste
de mim antes que eu os fizesse,
e furtando-me a iniciativa,
meu ladrão, roubaste-me o espírito”.*

(Carlos Drummond de Andrade, Antepassado)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender a presença das memórias acerca de avós não conhecidas fisicamente na constituição identitária de suas netas. Consiste em um estudo qualitativo, com delineamento de estudo de casos múltiplos, assim como autoetnográfico, a partir de uma abordagem fundamentada na epistemologia sistêmica, na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis pessoas, de forma individual, em uma amostra de conveniência, sendo três netas de idades variando entre 35 e 50 anos e seus respectivos pais, mães ou outras figuras de afeto. As entrevistas foram compreendidas a partir da identificação de categorias recorrentes nos discursos das entrevistadas, com base em análise temática. As entrevistas foram transcritas e passaram por procedimentos de leitura e exploração do material, além do agrupamento em temas dominantes e secundários, isto é, de maior ou menor aparição ou destaque. Os principais resultados da pesquisa demonstram que a percepção da identidade da neta já na fase adulta é também moldada por meio de transferência intergeracional e pela internalização de normas e padrões de comportamento dos pais, que foram repassados pelas avós. Os objetivos foram significativamente contemplados: observou-se que a trajetória sombra – conceito que aqui passou por uma extrapolação, para tomar como foco de análise a experiência transgeracional – evoca a noção de ‘competências simbólicas’, propõe uma nova perspectiva sobre o uso de recursos simbólicos pela pessoa em transição, em seus locais sociais e culturais cotidianos. Designa um conjunto de habilidades, permitindo que uma pessoa use elementos culturais como recursos para elaboração simbólica, necessários para qualquer elaboração de significado adicional, transformação de identidade, construção de novos entendimentos ou aquisição de habilidades necessárias para essas transições.

Palavras-chave: Avós. Netas. Memórias. Histórias de vida. Transgeracionalidade. Identidade.

ABSTRACT

This study aimed to understand the presence of memories about grandmothers not physically known in the identity constitution of their granddaughters. It consists of a qualitative study, with a multiple case study design, as well as self-ethnographic, based on an approach using a systemic epistemology, where semi-structured interviews were conducted with six individuals, separately, in a convenience sample, being three granddaughters of ages ranging from 35 to 50 years and their respective fathers, mothers or other affectionate figures. The interviews were analyzed from the identification of recurring categories in the interviewees' discourse, based on thematic analysis. The interviews were transcribed and underwent procedures for reading and exploration of the material, in addition to be grouped into dominant and secondary themes, i. e., of greater and lesser appearance or prominence. The main results of the research show that the perception of the identity of the granddaughter's role in adulthood is shaped through intergenerational transfer and the internalization of norms and behavior patterns of parents that were passed on by grandmothers. The objectives were significantly met; It has been observed that the shadow trajectory, a concept that has been extrapolated here to focus on the analysis of transgenerational experience, evokes the notion of 'symbolic competences' proposing a new perspective on the use of symbolic resources by the person in transitions, in particular. their everyday social and cultural places. Designates a set of complex skills and abilities, allowing a person to use cultural elements as resources for symbolic elaboration needed for any additional meaning making, identity transformation, new understanding building, or acquisition of skills necessary for these transitions.

Keywords: Grandmothers. Granddaughters. Memoirs. Life Stories. Transgenerationality. Identity

SUMÁRIO

1 NÃO HÁ AUSÊNCIA REAL SE PELO MENOS A MEMÓRIA DA AUSÊNCIA PERMANECE	10
2 MARCO TEÓRICO	14
2.1 RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETAS: UMA SISTEMATIZAÇÃO TEÓRICA	14
2.2 TRANSIÇÃO DA AVÓ EM RELAÇÃO AO ASPECTO IDENTITÁRIO E SOCIAL	20
2.3 MEMÓRIAS E SIGNIFICAÇÕES NAS RELAÇÕES DAS AVÓS COM OS NETOS	27
2.4 CONCEPÇÃO DA DIFERENCIAÇÃO DE SELF E OUTROS CONCEITOS	32
3 ENTREVISTANDO AS NETAS	38
3.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	38
3.2 ESCOLHA DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA	39
3.2.1 Procedimentos para análise	39
3.3 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS	41
3.4 PROCEDIMENTOS E ESTRUTURA DA ANÁLISE	41
3.4.1 Os temas analisados	41
4 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE TRANSGERACIONAL	42
4.1 AS MEMÓRIAS SABEM DE NÓS MAIS DO QUE NÓS MESMOS E ELAS NÃO PERDEM O QUE MERECE SER SALVO. MEMÓRIAS DAS AVÓS: IMAGENS E LEMBRANÇAS.....	42
4.2 MEMÓRIAS DAS NARRATIVAS DE MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS DAS AVÓS .	46
4.3 DAS MEMÓRIAS TRANSGERACIONAIS.....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	66
ANEXO A – DECLARAÇÃO DE OFERTA DE SUPORTE PSICOLÓGICO	73
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	74
ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	75

1 NÃO HÁ AUSÊNCIA REAL SE PELO MENOS A MEMÓRIA DA AUSÊNCIA PERMANECE

“Sem a memória dos outros eu não poderia escrever.”

(Milton Hatoum)

“Os mortos estão invisíveis, mas não ausentes.”

(Santo Agostinho)

“Tem mais presença em mim o que me falta”. Esta frase de Manoel de Barros sempre se fez presente em mim. Eu sempre quis ter uma avó. Achava bonito quando algumas colegas falavam que iam para a casa da avó ou que um ser dotado de amor tinha preparado um quitute especial, no qual um dos ingredientes, via de regra, era o leite condensado. Avó, para mim, era sinônimo de afeto, dengo, defesa de alguma peraltice, comprar briga com o pai e com a mãe, porque as artimanhas da criança eram por ela ser criança. Avós são apartes na vida de uma neta.

Eu, que já nascera com saudade de avó, cresci assistindo ao Sítio do Pica Pau Amarelo e lendo as peripécias dos personagens criados por Monteiro Lobato. Para além da Emília, me fascinava a figura da Dona Benta, aquela senhora fofinha de óculos redondos, em quem não só o coque era situado no lugar perfeito, numa altura mediana da cabeça, assim como todas as suas colocações. Cabelos impecáveis, roupas adornadas com fitas, bicos, passamanarias e sianinhas, contrastando com o desleixo pueril dos seus netinhos. Ela exercia feitiço sobre mim, e isto fazia com que eu invejasse Pedrinho e Narizinho.

Um certo ar de doçura, benevolência e altruísmo eram inerentes àquela velhinha, assim como às velhinhas matriarcas de voz baça que faziam parte das famílias dos meus amigos, que lhes faziam mingaus e aplicavam remendos em suas roupas juninas.

Em determinado momento, aceitei que não tivera sido me dada outra realidade, aceitei um sossego de resignação, aquiesci. Depois de um tempo, já adulta, compreendi que, mesmo inconscientemente, nunca esgotei o desejo de compreender a figura da avó e a sua conversão na íntima substância de nós, suas netas. A presença ativa desse passado não consumado e o meu desejo, calado, estavam estampados nas minhas ações diárias e em minhas escolhas, que eram um espelhamento daquilo que não tive de uma avó, e que eu pensava que era natural

receber: as minhas escolhas profissionais me levaram para as manualidades, a empregar afeto em costuras, e a oferecer ao outro carinho personificado em objetos feitos de pano, uma herança emocional invisível até então. Foi só a partir desse momento em que trabalhava em meu próprio ateliê de costura, que me dei conta da existência – ao menos no meu imaginário – da presença da avó materna, a qual eu nunca conheci fisicamente.

Uma construção idealizada do passado se fazia presente através, muito provavelmente, da transmissão das memórias da minha mãe e de minha tia. Enquanto eu cortava tecidos e costurava, vizinhas familiares me sinalizavam o quanto a minha avó materna, Leonídia, era também afeita a este ofício, o de impregnar tecido com afeto e transformá-lo em roupas e acessórios para ofertar aos outros. Em algum momento da minha vida, eu tive contato com esta realidade ou aquilo se fazia real para mim naquele momento? Naquele momento, me deparei que a minha voz, que eu julgava ser tão minha, encarnava a substância de outras vozes. Foi assim que iniciei o mestrado. Com vistas a compreender se as narrativas que escutava sobre a minha avó materna contribuíram para a constituição da minha identidade.

Com o aumento da expectativa de vida, há uma maior possibilidade de trocas entre as relações intergeracionais, assim, as narrativas, as experiências de vida e todo um legado geracional são transmitidos para as gerações mais novas, e podem contribuir na constituição das suas identidades. No entanto, este é um fenômeno recente, pois até meados do século XIX, poucas pessoas ultrapassavam os 60 anos (RABINOVICH; AZAMBUJA, 2017), assim como, segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), a expectativa de vida no país alcançava 41,5 anos sete décadas atrás. Sendo assim, poucos netos tinham contato físico com os seus avós.

Encontrei, na minha própria trajetória de vida, a ancoragem para pesquisar sobre estes assuntos: memórias, histórias de vida, transgeracionalidade e constituição de identidade. O meu interesse pelo tema surge da identificação do quanto as histórias acerca da minha avó materna contribuíram para a minha formação enquanto pessoa. No dia a dia, enxergava alguns comportamentos meus semelhantes aos dela, embora eu não a tenha conhecido fisicamente; porém fantasiei a sua identidade ao escutar narrativas acerca dela, tanto de membros da minha família, como mãe e tias, quanto de vizinhos da comunidade em que ela

morou. A partir daí, o meu interesse se expandiu para compreender se as avós falecidas e não conhecidas de outras pessoas tinham tanta influência nelas quanto acredito que a minha avó teve em mim, e de que forma essas memórias influenciam na construção das identidades.

Através de uma revisão bibliográfica, embora eu tenha encontrado inúmeras pesquisas acerca dos temas transgeracionalidade, avós, histórias de vida, memórias e identidade isoladamente, percebi que não há pesquisas específicas sobre de que forma essas memórias sobre as avós não conhecidas fisicamente, por motivo de morte, contribuem para a constituição da identidade de suas netas, o que aumentou a minha inquietação. Embora exista a ausência física, as narrativas escutadas por outros presentificam essas avós de alguma forma? É uma pergunta que ecoa em mim e que não quer calar.

Acredito que, na contemporaneidade, as memórias desses entes desconhecidos fisicamente podem fortalecer os laços e os vínculos do sujeito com os seus antepassados, contribuindo para a constituição da identidade.

O desenvolvimento deste estudo acerca de memória e constituição da identidade tem potencial para impulsionar reflexões e, com elas, um novo olhar sobre as heranças, contribuindo para descontinuar-las ou não de forma mais consciente, possibilitando maior liberdade na capacidade reflexiva para a construção de sentidos próprios, potencializando a elaboração e instauração de padrões mais adaptativos de interação e de vinculação, não encerrando as narrativas transmitidas intergeracionalmente como destinos certos e inequívocos, e contribuindo para que possamos lançar novas estratégias de ser e estar em família.

Dessa forma, esta pesquisa pode contribuir para promover modos mais salutares e adaptativos de vida em família, dando espaço para que as diferentes experiências possam ecoar e ser acolhidas, compartilhadas e elaboradas pelos seus membros, ainda que em um primeiro momento este processo possa despertar o sofrimento psíquico e a reavaliação da família de origem e de suas histórias. Neste sentido, a investigação sobre as narrativas de netas acerca de avós não conhecidas fisicamente torna-se um tema socialmente relevante para a família contemporânea.

A revisão de literatura do presente estudo foi desenvolvida a partir de um levantamento de dados realizado através do Portal *Scielo*, Lilacs e BDTD (Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações), buscando-se identificar os trabalhos acadêmicos, incluindo artigos, dissertações e teses publicados nas revistas

indexadas nestas bases, através dos descritores: *memória*; *avós*; *identidade*; *transgeracionalidade*.

Foram selecionadas produções acadêmicas publicadas entre 2009 e 2019, através de ferramenta para refinamento dos resultados encontrados, que se encontram disponíveis nos próprios portais. Além dos trabalhos desse período, aparecem na busca, sem delimitação de período, outras publicações sobre o tema, anteriores a 2009, mas que foram julgadas relevantes, tendo em vista aproximações significativas com o problema de pesquisa e objetivos deste projeto.

Não foram encontrados, *a priori*, artigos que versassem sobre memória de avós e identidade de netas na área de Psicologia, porém alguns nas áreas da Antropologia, da História Social, das Ciências Sociais e mesmo da Arquitetura.

Foi percebido que os trabalhos evidenciam assuntos ligados a aspectos positivos da transmissão de memória dos avós e a sua importância para a construção da identidade de netos. Raros foram os estudos acerca da transmissão de memória de avós desconhecidos, e os que falam da transmissão de avós conhecidas, ressaltam a contribuição delas para a construção da identidade de netos, além de assegurar a permanência de valores e costumes na família.

2 MARCO TEÓRICO

O presente capítulo, através do mapeamento da literatura, buscou evidenciar os aspectos associados às avós, à identidade, à transgeracionalidade, à memória e aos conceitos sobre diferenciação de *self*, lealdades invisíveis, legado familiar e trajetória sombra, pertinentes à compreensão do que será tratado nesta dissertação.

2.1 RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETAS: UMA SISTEMATIZAÇÃO TEÓRICA

Os avós podem ter um papel fundamental na vida de seus netos. Os relacionamentos entre avós e netos podem ser gratificantes para ambas as partes e levar a fortes laços entre gerações. Os avós são frequentemente vistos como figuras tradicionais na vida familiar, e são, constantemente, os pilares das unidades familiares.

À medida que a expectativa de vida aumenta e mais pessoas vivem e mais aumenta o número de avós, não só no contexto nacional como também em outros continentes, como o norte americano e o europeu, conforme Ramos (2015), que examinou os avós em um relatório de julho de 2011 intitulado *Avós: Novas ideias para uma nova geração de avós*, e percebeu que

[...] o número de avós está em níveis recordes e ainda cresce mais que o dobro da taxa geral de crescimento da população. Estima-se que existam 65 milhões de avôs e avós em 2010. Até 2020, eles devem atingir 80 milhões, altura em que serão quase um em cada três adultos (RAMOS, 2015, p. 52).

Como todos os relacionamentos sociais, os relacionamentos avô-neto também estão sujeitos a condições sociais específicas que promovem e limitam a ação. Assim, Salgado e Gonçalves (2000, p. 43) distinguem a solidariedade familiar intergeracional em estruturas, tais como: estruturas de oportunidade, estruturas de necessidade, estruturais familiares e estruturas culturais e contextuais. Dado que as oportunidades e as necessidades dependem vitalmente dos recursos individuais disponíveis, é útil considerar os recursos na sistematização dos determinantes das relações entre avós e netos.

Em distinção ao modelo de Salgado e Gonçalves, diferenciamos, portanto, recursos pessoais e sociais. Os recursos pessoais incluem tempo, mas também

fatores de saúde e capital humano (renda ou educação), que podem ser contribuídos ou “investidos” no relacionamento avô-neto. Os recursos sociais estão relacionados ao suporte potencial e real dentro da rede familiar. Se eles não estiverem disponíveis (por exemplo, se os laços entre a geração dos avós e os pais forem fracos), isto poderá afetar as relações entre avós e netos.

Atualmente, existem muitos achados de pesquisa disponíveis sobre o impacto dos recursos pessoais, mas os efeitos dos recursos sociais têm sido amplamente inexplorados até agora. Além dos recursos disponíveis, influências normativas na forma de valores e atitudes familiares, bem como determinantes estruturais sociais (por exemplo, gênero, associação regional) também devem ser levados em consideração.

Embora os recursos estejam ligados às estruturas de necessidade e de oportunidade, conforme enfatizam os autores citados acima, os fatores estruturais e normativos sociais mencionados correspondem às estruturas familiares e culturais-contextuais. Uma categoria social que também está associada às orientações familiares diferenciais de linhagem das avós, ou seja, suas trajetórias de vida e memórias internalizadas. As mulheres têm o papel de guardas de parentesco em muitas sociedades, e estão mais envolvidas na formação de relações de parentesco que os homens (BRANCO, 2012).

Compreende-se que as abordagens sociobiológicas, com base em pressupostos evolutivos, também preveem que, devido ao menor grau de comparação com os avós em relação à semelhança genética com os netos, as avós deveriam investir mais em criar e cuidar dos netos do que os avôs. Isto permite tirar a conclusão adicional de que os avós maternos (ou seja, com uma filha na geração intermediária) geralmente estão mais comprometidos a si relacionar com os netos do que os avós paternos (MONTEIRO, 2011).

A importância do relacionamento avô-neto nas sociedades contemporâneas é dada principalmente pelo significado que os avós atribuem ao seu papel. Esta investigação se pauta justamente na análise expressa por Neri (2005), ao esclarecer que, dependendo das oportunidades e preferências pessoais, os avós dão forma ao seu papel, o que reflete sua própria interpretação do que significa ser um avô. O mencionado autor ainda argumenta que o significado deste papel inclui um senso de continuidade (continuidade da linhagem familiar), e sentimentos de ‘extensão do eu’ (sentindo-se valorizado como pessoa idosa ou por realizações vicárias através dos

netos) e 'satisfação' (contribuindo para o bem-estar dos netos por meio de ajuda, conselhos ou indulgência). Além disto, os netos podem ser uma fonte de orgulho, e os avós podem obter prazer e companhia no relacionamento com seus netos.

A liberdade dos avós na interpretação de seu papel é enfatizada por Ramos (2015), referindo-se ao que é chamado de 'papel sem rolo': um status social sem expectativas e prescrições culturais claras. Existe apenas um estudo que sugere que a cultura desempenha um papel significativo. Por causa de normas culturais pouco claras sobre como esse papel deve ser promulgado, há uma grande variedade de modos como os avós desempenham seu papel e, portanto, também na importância que é dada ao relacionamento.

Para Oliveira (2011), a situação pela qual avós e netos se percebem juntos, em sentido trivial, comporta uma multiplicidade de conflitos que envolvem a vida interior dos sujeitos, bem como as relações mais amplas com a vida social, haja vista que, em algumas situações, a união desfeita passa a insinuar um descompromisso dos pais em relação à criação de seus filhos.

A aproximação de avós e netos para uma vida em comum, embora muitas vezes não pareça, traz junto de si uma gama variada de conflitos. Alguns são nítidos, como no caso dos netos cujos pais se separam, outros mais velados, quando os pequenos ficam apenas uma parte do dia com os avós, enquanto os pais estão fora trabalhando. Não menos conflitivas são ainda as situações vividas por crianças que são criadas junto com os netos consanguíneos, elas que praticamente foram abandonadas pelos pais. Estes todos, porém, são conflitos internos, vividos dentro de uma dada relação interpessoal. Outros, de natureza externa, relacionados com a condição social dos sujeitos, também merecem ser considerados no desenvolvimento do tema (OLIVEIRA, 2011, p. 65).

Vale salientar que pouca atenção, no entanto, tem sido dada à importância do relacionamento intergeracional quando os netos se tornam adultos. Sabe-se que a frequência de contato entre avós e netos diminui quando estes crescem. Monteiro (2011), que realizou pesquisas sobre o significado do relacionamento intergeracional, concluiu que o relacionamento continua sendo altamente valorizado, pessoalmente significativo e potencialmente importante.

A partir da dinâmica intergeracional, ou seja, da transmissão não formal de padrões de comportamento entre as gerações, a família proporciona aos seus membros, tal como os pais proporcionam aos filhos, tanto conhecimento individual

quanto diversas possibilidades de socialização coletiva (TEIGA, 2012). Pode-se pensar, então, que as transmissões ocorrem não só no âmbito nuclear, mas também em uma perspectiva global, já que o indivíduo está inserido em vários outros contextos sociais. Assim, quando se retoma, por exemplo, o enfrentamento de problemas, podem ser construídas estratégias, tanto no sentido de resolvê-los, quanto no de prevenir outros momentos de crises. Durante as transmissões geracionais, podem ser feitas modificações criativas e transformações na herança geracional, ou se pode repeti-las.

Os netos adultos podem até contribuir para o bem-estar dos avós, fornecendo apoio emocional e prático. Por exemplo, os netos adultos podem introduzir novas tecnologias e instruir seus avós sobre como operá-las. Spence (2001), em seu estudo, evidenciou que os avós podem aprender sobre o desenvolvimento da sociedade através do contato com seus netos adultos. Embora esse apoio também possa ser fornecido por outros jovens, por exemplo, no contexto de programas intergeracionais, os netos adultos são mais facilmente abordados, porque muitos pesquisados mantêm contato com as gerações mais jovens apenas dentro do contexto familiar. Ademais, netos e, principalmente, netos adultos, podem ajudar um avô que precisa de cuidados, por exemplo, mesmo que eles geralmente não sejam a primeira ordem dos prestadores de cuidados preferenciais.

Para entender a importância do relacionamento entre as gerações nas sociedades ocidentais, os pesquisadores, geralmente, usam a estrutura de solidariedade intergeracional desenvolvida por Bengtson e Roberts (1991). Esse modelo distingue solidariedade estrutural, consensual, funcional, associativa, afetiva e normativa. Solidariedade estrutural refere-se a fatores que facilitam ou dificultam a oportunidade de contato entre gerações. A solidariedade consensual indica a quantidade de concordância em relação a crenças e valores. A solidariedade funcional concerne à quantidade de ajuda e de assistência no relacionamento intergeracional (MIERMONT, 1994). A solidariedade associativa diz respeito à frequência de contatos e de atividades compartilhadas entre as gerações. A solidariedade afetiva envolve a quantidade de proximidade emocional percebida pelas duas gerações. E a solidariedade normativa corresponde às obrigações sentidas em relação à outra parte no relacionamento, e às expectativas em relação ao conteúdo do relacionamento.

Embora o modelo de solidariedade intergeracional tenha sido originalmente desenvolvido para entender as relações entre pais e filhos (BENGTSON; ROBERTS, 1991), ele também é aplicado às relações entre avós e netos. Em particular, a pesquisa focada nas relações avô X neto adulto usa o modelo para entender a relação intergeracional. No entanto, o modelo é menos adequado para entender a conexão durante a infância do neto.

Visto que o foco está nos relacionamentos diádicos, não está claro como os relacionamentos entre gerações devem ser entendidos quando mediados por terceiros. Por exemplo, quando os avós prestam assistência à criança, isto deve ser entendido em termos de solidariedade entre os relacionamentos avô e filho adulto, relacionamento avô e neto ou ambos?

Valsiner (2007) esclarece que este processo envolve a esfera simbólica das rupturas-transições dos jovens, levando à criação de novas metas, de sistemas de orientações, de possibilidades, de novos referenciais, de perspectivas de tempo e de outros reposicionamentos que implicam em transformações na forma de ser no mundo.

A preocupação em entender a teoria de solidariedade intergeracional e às relações avô-neto ressalta a importância de se ter em mente que a geração entre eles desempenham um papel fundamental na conexão entre avós e netos (MIERMONT, 1994). Ou seja, tal relação costuma servir como uma linhagem entre avós e netos, facilitando ou dificultando o contato. Da mesma forma, os pais moldam a estrutura de oportunidades para o contato intergeracional, por exemplo, através de suas escolhas em relação à localização residencial, ao divórcio dos pais e à qualidade do relacionamento entre pais e avós (SALGADO; GONÇALVES, 2007).

Outros autores, como Valsiner (1997) e Zittoun (2006), todavia, consideram que as relações intergeracionais podem ocorrer não só nas dimensões da família, como também nos espaços de trabalho, de educação e de lazer. Este fato se dá devido ao aumento da expectativa de vida, à crescente inserção social da população idosa e também ao apoio na construção de um novo papel do idoso no meio social. De acordo com Motta (2010), essas relações intergeracionais extrafamiliares podem, muitas vezes, ser organizadas por meio de Programas Intergeracionais (PI's) que promovem a transmissão de valores culturais, conhecimento de novas tecnologias e educação.

É relevante destacar que, ao longo do tempo individual, no entanto, o papel da geração intermediária como mediador entre avós e netos, provavelmente, diminui em importância. Os netos adultos podem manter contato com os avós independentemente dos pais, e podem restabelecer o relacionamento com base em seus próprios termos e nos de seus avós.

Ramos (2015) salienta algumas funções afetivas e educativas dos avós, como sejam: assegurar a continuidade e os laços de filiação; transmitir conhecimentos; proporcionar cuidados e afetos à criança, promovendo o desenvolvimento da mesma; guardar a memória e favorecer a transmissão das tradições e valores familiares, educativos e culturais.

Autores como Segalen (1996) e Pinto e Rodrigues (2006) *apud* Cardoso (2011) argumentam que o convívio entre gerações é fundamental para contribuir com a implementação e a concretização de políticas em conjunto com as organizações envolvidas no aspecto do envelhecimento. Para Pinto e Rodrigues (2006), a intergeracionalidade “[...] é por si só um fator promotor da igualdade entre gerações, [...] funcionando, no fundo, como um fator de inserção social da população idosa.” (*apud* CARDOSO, 2011, p. 125).

Dentro do que foi exposto, é possível visualizarmos que os avós proporcionam novas identidades, novos papéis e novas interações, dão um sentido à vida e um desejo de continuidade. Oliveira (2011) ratifica que, junto dos netos, os avós têm uma influência direta e, enquanto pais dos pais têm uma interferência importante nas atitudes e nos comportamentos educativos dos seus filhos, agora pais e educadores.

Assim sendo, pode-se constatar que as redes familiares proporcionam alguma forma de apoio, de acordo com seus desenhos de classes, bem como suas possibilidades situacionais. Andrade, Osório e Silva Neto (2008) ressalta que a responsabilidade de cuidar de netos, muitas vezes inesperadas nesta etapa de vida dos avós (ou seja, na velhice), impacta sobre a saúde física-emocional desses avós, podendo, inclusive, afetar sua qualidade de vida.

2.2 TRANSIÇÃO DA AVÓ EM RELAÇÃO AO ASPECTO IDENTITÁRIO E SOCIAL

Diferentes abordagens na psicologia têm concebido um conceito central na ciência psicológica: identidade. Segundo Hall (2003), a identidade, de acordo com diversos teóricos, e diferente do que preconiza o senso comum, é um processo dinâmico, ativo, em constante construção ao longo do tempo.

Antes de estabelecer-se como um processo dinâmico, a identidade era tida como algo estático, acreditava-se que o indivíduo nascia com uma determinada identidade, algo inerente a ele, e esta o acompanhava ao longo da existência. Somente depois, passa-se a compreender a identidade a partir de uma perspectiva sociológica, na qual a interação entre o eu e o outro é primordial para a sua constituição (HALL, 2006).

Apesar de vários estereótipos identitários que incidem sobre o envelhecimento, nota-se uma significativa mudança na imagem e na construção social da terceira idade, ou melhor idade, termos largamente usados no Brasil. Nessa perspectiva, segundo Peixoto (2011), os idosos são vistos com respeito e como produtores e transmissores de conhecimento, sendo mais aceitos pelas novas gerações contemporâneas. Há exceções, sobretudo quando esses idosos/avós enfrentam netos psicopatas e viciados, uma grande mazela da modernidade.

Nessa perspectiva, é relevante mencionar que o aspecto identitário é um construto teórico que está sempre em construção. Segundo o sociólogo Stuart Hall (2014), este é um conceito extremamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea. Na modernidade, o conceito de identidade descola-se da ideia de essência e de imutabilidade, que preponderou desde Aristóteles até o Iluminismo, para se aproximar do conceito de um processo reflexivo do Eu, conforme Giddens (1991). Para este autor, “[...] auto-identidade não é algo simplesmente apresentado, como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo” (GIDDENS, 2002, p. 54).

Dessa forma, a identidade, para Giddens, é algo constituído a partir da narrativa que o sujeito fornece de si mesmo. Esse também é o entendimento presente na abordagem do *self* dialógico, elaborada por Hermans e colaboradores (HERMANS, 2001; HERMANS; HERMANS-KONOPKA, 2010), a partir dos conceitos de Willian James (1890/2007), para quem a identidade é formada através dos

diálogos entre as posições do Eu e dos contatos sociais. Já para Canclini (2006, p. 149), “a identidade é uma construção que se narra”.

É válido salientar que, na presente pesquisa, a identidade não é tomada como algo estanque, fixo e permanente ao longo do tempo, e sim como um processo que acompanha o sujeito ao longo da vida, e que está em permanente processo de revisão e de construção. Identidade, aqui, é percebida também como as posições sociais ocupadas pelo sujeito ao longo da vida, resultantes de construções discursivas com outros contextos sociais. Já a memória é abordada, nesta dissertação, como a faculdade que permite ao indivíduo acessar o próprio passado, sendo graças a ela que “[...] o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

Assim como os pais, os avós também necessitam rever velhos conceitos e valores, e compreender a evolução e a mudança desses valores, os chamados novos tempos. Ramos (2015) assevera que esse cuidado é maior quando alguns avós são responsáveis pela educação e cuidados dos netos na ausência dos pais, também fruto da modernidade, quando pai e mãe trabalham fora para o sustento da família.

O reconhecimento da importância dos avós na educação dos netos deriva, afinal, do crescente papel dos mais idosos; o mesmo é dizer, dos menos jovens, na sociedade de hoje, que obriga a sua devida consideração por parte dos particulares e das instituições (OLIVEIRA, 2011).

Em seu estudo, Branco (2012) comenta que a transição para as avós traz consigo uma mudança de status, de papéis e de identidades. Ela sinaliza o início de uma nova etapa na vida, com o papel de pai agora complementado pelo papel de avô. Semelhante a outras transições da vida, implica muitas mudanças, que podem ser experimentadas positiva ou negativamente.

Verificou-se que a relação do avô com o jovem neto está associada a um senso de conquista, significado e valor. Além disso, demonstrou-se que uma percepção positiva do papel dos avós está relacionada à maior autoestima e a um nível mais baixo de sintomas depressivos, bem como ao desejo de viver mais. Na pesquisa realizada por Oliveira (2011), os pesquisados afirmam que nenhum de seus papéis na vida adulta lhes deu tanta satisfação quanto serem avós, e seu gozo do papel é ainda maior do que o esperado antes do nascimento de seus netos. As

avós ficam felizes em cumprir o papel e percebê-lo como uma “segunda carreira” que lhes proporciona satisfação e contentamento.

A perspectiva do curso de vida sugere que os indivíduos que passam por transições de papéis encontram um novo conjunto de expectativas, e sua identidade social assume uma faceta diferente. No entendimento de Zittoun (2006), enquanto muitas transições adultas são autoiniciadas, tornar-se avô não é. É o que foi rotulado de contratransição, uma mudança de vida provocada pela transição de outra pessoa.

Dessarte, espera-se que a experiência de se tornar avô ou avó, que foi o principal tópico de interesse em termos de transições no curso da vida, seja qualitativamente diferente, em sua natureza, da transição para a paternidade. No entanto, estudos empíricos, como o de Ramos (2015), argumentam sobre os efeitos da transição para avós na saúde individual ou nos resultados psicossociais, incluindo depressão ou satisfação, concentrando-se, principalmente, no papel ou na identidade dos avós, sua relação com o neto e significados subjetivos que estes a avôs e avós, produzindo resultados inconsistentes. Parece haver poucas pesquisas que examinaram o efeito genuíno da transição dos avós em seus aspectos físicos ou psicológicos.

Conforme sugere Valsiner (2005), os valores não estão na cultura, eles são a cultura, a qual se constitui fundamentalmente a partir de valores. Eles estão em toda parte, mas é difícil nomeá-los e localizá-los com precisão. Entretanto, eles ganham relevância quando entram em operação. Isto ocorre porque os valores são signos hipergeneralizados que orientam a conduta humana, e localizam-se no nível mais alto da hierarquia da mediação semiótica.

Conforme sugerido por Valsiner (2004), a mediação semiótica é o processo que permite que os seres humanos sintetizem novos significados, tanto nos domínios reflexivos (isto é, através de generalizações do significado das palavras) quanto nos domínios afetivos. Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano é entendido como movimento poético (da poesia grega), porque seu elemento fundamental envolve a capacidade de questionar o que é, de imaginar um possível futuro-ser (como se) e de se projetar continuamente nesse sentido.

Esse movimento caracteriza o surgimento da novidade do desenvolvimento, em uma tensão dinâmica entre as dimensões literal e imaginária. O Eu é considerado como um sistema autocatalítico e autorregulatório (isto é, um sistema

que produz inovação, transformando seus próprios elementos e buscando a integração ao longo do tempo) que orienta o indivíduo em direção ao futuro, ao mesmo tempo em que permite e restringe o surgimento de novos significados, exercendo controle flexível sobre a maneira como os indivíduos se posicionam em todos os momentos através dos seus valores e crenças (VALSINER, 2007).

Abbey e Valsiner (2005) avançam a ideia de que significados emergem da tentativa de uma pessoa de superar ambivalências que aparecem em suas relações com o mundo. Destacam o poder transformador das ambivalências – elas se tornam o motor das transformações que ocorrem na zona de fronteira entre o presente e o futuro, permitindo o surgimento de uma pré-adaptação a este último. Esse processo implica a noção de que o campo da experiência é construído a partir de ambivalências entre perspectivas opostas ou alternativas que são inerentemente ligadas, pois existem com base uma na outra.

Portanto, como sugere Baldwin (2007), a criação de significado implica um processo de superação de ambivalências. Para entender como as pessoas criam significados em suas vidas diárias, é necessário considerar como elas lidam com os níveis de tensão que emergem entre perspectivas alternativas. Neste viés, Abbey e Valsiner (2005) propuseram três níveis de ambivalência: 1) quando o nível de ambivalência é nulo, a pessoa não se dedica à construção significativa; 2) quando o nível de ambivalência é moderado, a pessoa constrói significados de maneira errática, ou seja, os significados emergentes são frágeis e permitem ações orientadoras para a mudança de condições futuras; e 3) quando a ambivalência atinge o nível máximo de tensão, a pessoa constrói sinais fortes que dão rigidez ao sistema de significado ou abandona completamente o processo de construção de significado. Contudo, ainda é necessário aprofundar nossa compreensão de como as pessoas se envolvem nesses níveis de construção de significados e valores em diferentes circunstâncias da vida.

Os valores podem ser considerados como crenças carregadas de afeto, associadas com propósitos ou com uma orientação para objetivos. Bastos (2016) ressalta que tal concepção representa um avanço diante da perspectiva reducionista que tem sido dominante na psicologia, fundamentada nas ideias de Piaget e Kohlberg, e que considera os valores a partir do campo específico do desenvolvimento cognitivo, desconsiderando suas ligações com o campo afetivo.

Para Oliveira (2011), os avós podem ser considerados em três níveis distintos: o nível social (referindo-se às normas, funções e estima sociais dos avós), o nível familiar (referindo-se a interações e apoios entre avós, pais e netos) e o nível individual (referindo-se ao significado pessoal dos avós). Os significados dos avós geralmente derivam de contextos sociais e familiares que estão além do controle do próprio avô ou avó.

No nível social, conforme Peixoto (2011), a prevalência e a duração dos avós, bem como os fundamentos normativos do seu papel, refletem mudanças culturais e demográficas. No nível familiar, as funções dos avós no contexto familiar são frequentemente moldadas por necessidades especiais dos filhos ou netos, e não por suas próprias aspirações.

No entanto, Zittoun (2011) esclarece que, mesmo que a noção de transição psicossocial indique algum período importante na vida das pessoas, isso levanta alguns problemas. Se as transições se tornam processos de mudança, eles não podem mais ser caracterizados pelo status social inicial e final pelo qual uma pessoa se move. Então, como eles podem ser qualificados? As transições podem ser definidas com base em sua estrutura e na dinâmica psicossocial que elas envolvem.

Nesse prisma, pertinente mencionar o que afirma Ramos (2015): a estima social e a imagem dos avós costumam estar ligadas ao status de idosos nas sociedades. Embora a modernização às vezes prejudique o status dos idosos e implicitamente o dos avós, reduzindo seu controle econômico e sua importância como transmissores de conhecimentos, também pode melhorar seu status por meio do acesso dos idosos aos direitos à segurança da velhice. Além disso, a falta de autoridade familiar por parte dos avós pode promover relacionamentos mais agradáveis entre avô e neto.

Nessa linha, Bastos (2016) sugere uma abordagem alternativa dos valores, formulada a partir da Psicologia Cultural do Desenvolvimento, e fundamentada no paradigma cultural e sistêmico. Tal abordagem permite dar conta das complexidades da constituição dos valores ao longo do desenvolvimento humano. Deste modo, sugere a autora, é possível compreender a construção de valores partindo de um quadro abrangente que considera a causalidade múltipla e a interdependência entre os fenômenos psicossociais, caracterizados por permanentes tensões dialéticas entre indivíduo e cultura. Campbell e Ovchelovitch (2010) ressaltam a centralidade da mediação semiótica para a construção da dimensão moral, pois entende que tal

processo possibilita ao ser humano sintetizar novos sentidos, tanto no âmbito da reflexão e cognição quanto no âmbito das emoções e afeto.

Com objetivo de entender como significados pessoais (especialmente valores) tornam-se carregados de emoção e afeto, partimos do modelo teórico construído por Valsiner (2007), da Regulação Semiótica da Experiência Humana. Esse modelo mostra como os processos de emergência da função semiótica funcionam em meio aos campos afetivos na regulação da conduta pessoal. Valsiner (2007) sugere que a experiência humana é semioticamente mediada, e os processos psicológicos, tais como o pensamento, afeto, imaginação e ação, conformam uma dimensão complexa e integral – a cultura pessoal.

No que concerne ao aspecto, Peixoto (2011) esclarece a ocorrência e prevalência relativa de funções e atividades específicas da regulação da conduta pessoal em relação aos papéis dos avós. Tais papéis, todavia, referem-se a dimensões como conforto, significado, estilo e relevância do papel, frequência de contatos, assistência instrumental, qualidade do relacionamento, tipo de atividades com os netos ou influência dos avós na vida de seus netos. As principais funções desempenhadas pelos avós são socialização, apoio e informação.

Zittoun (2007) esclarece que as pessoas não enfrentam rupturas sem recursos ou meios para viabilizar processos de enfrentamento. Elas têm algumas experiências de vida, uma história de rupturas passadas e uma memória de transições passadas. As pessoas fazem parte de redes sociais nas quais podem mobilizar outras pessoas por seu apoio especializado ou relacional; elas também podem recorrer ao conhecimento social para determinar como agir com as pessoas em determinadas situações: pode-se dizer que tais mobilizações constituem recursos sociais.

O envolvimento dos avós em atividades sociais com os netos levou a rótulos como pessoas que procuram diversão, amigos ou companheiros. Oliveira (2011) menciona que os avós também fornecem vários apoios aos pais dos netos na forma de babá e creche ou aos próprios netos através de conforto emocional, presentes ou ajuda com transporte e trabalho escolar. Ademais, ainda segundo Oliveira, os avós atuam como agentes de socialização, como transmissores de valores e cultura e como historiadores da família.

O modelo de regulação semiótica proposto por Valsiner (2012) reflete a organização hierárquica do sistema motivacional da pessoa. Ele fornece os meios

para entender como os valores são forjados, distanciando-se da noção de valor como “traço” ou com aspecto “disposicional”, porque enfatiza a natureza afetiva-semiótica dos sentidos criados para mediar a experiência humana no mundo.

Para fins de compreensão, adotaremos, nesta dissertação, o significado de identidade como, conforme Stuart Hall (2006), identificação, algo construído dentro do discurso com o outro, com a alteridade e com o externo, visto que este termo evidencia a instabilidade das identidades, uma obra que nunca se encerra, e não algo estático. Sendo assim, privilegiaram-se estudos com este enfoque.

Assim sendo, podemos citar o trabalho de Hall (2014 p. 83), que faz uma correlação entre identidade e memória, assegurando a afirmação de Candau de que “[...] a memória é a identidade em ação”, colocando a identidade como uma representação do vivido ou do lembrado. E, como representação, a identidade convoca o sujeito a se posicionar diante de um discurso, e a ocupar um lugar social. Como bem aponta Souza (2013, p. 21),

É em razão da construção discursiva da identidade que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo.

Diante disso, vemos, através desta dissertação, que os discursos culturais e a reconstituição de um passado, e mesmo a sua reatualização, servem de âncoras no processo de identificação.

Outros autores também descrevem esta relação dialógica entre identidade e memória. Costa (2014), em sua dissertação, investiga dois textos literários, nos quais dois escritores africanos contemporâneos intentam, através de seus personagens, criar identidades através do apagamento da memória. Ao longo do trabalho, o autor enfatiza a impossibilidade de desvincular identidade e memória, visto que é através desta que o sujeito religa-se ao passado, o que colabora para que este mantenha um caráter de continuidade e possa reconstruir uma realidade, fazendo uma rerepresentação de um acontecimento vivido.

Ainda citando o trabalho de Costa (2014), mesmo sem o intuito de focar a memória coletiva neste trabalho, é válido relatar a menção a Maurice Halbwachs (2006, p. 39), para quem “[...] lembrar não é reviver, é um processo de reconstrução, de repensar as experiências do passado com as imagens e o olhar atual”. Para

tanto, segundo Halbwachs (2006, p. 41), “[...] para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras”.

2.3 MEMÓRIAS E SIGNIFICAÇÕES NAS RELAÇÕES DAS AVÓS COM OS NETOS

Os avós são carregados de uma memória individual, familiar e social, que eles transmitem às gerações mais jovens, no caso, os netos. Este processo é evidente e aceito como universal no senso comum. Cardoso (2011) aponta que a família e as interações intergeracionais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da identidade psicossocial e na continuidade da socialização dos membros da família.

Nos estudos publicados por Silva e Pait (2013), as autoras destacam uma preocupação em mostrar a importância das memórias e como elas eram transmitidas. Netto (2008), por sua vez, destaca a importância das narrativas dos avós, principalmente das avós, as “guardiãs das tradições”, conforme ela as classifica, tomando de empréstimo um termo de Halbwachs de acordo com Netto, na tarefa de transmissões de valores familiares, apontando para as dificuldades que a contemporaneidade traz, tais como: o individualismo, a ruptura dos vínculos sociais e redução da vida ao imediatismo do presente, para a percepção de pertencimento e de como as festas familiares podem ser repletas de rastros e indícios que comunicam uma identidade e um senso de pertencimento à família.

As memórias da migração nordestina de avós são passadas aos netos de forma indireta, é o que aparece como perspectiva no estudo de Silva e Pait (2013), que ressaltam as dinâmicas de transmissão diferentes para os filhos e os netos, sendo que os netos conhecem as histórias dos avós não necessariamente pelo viés da migração, mas como contexto da vida deles. Silva e Pait (2013) destacam e concluem não saber se, no futuro, em outras gerações, as memórias desses avós que migraram do nordeste para o interior de São Paulo serão apenas reminiscências ou se permanecerão ao longo do tempo.

De acordo com Teixeira, Bardagi e Gomes, (2004), ouvir histórias silenciosas de determinado grupo ajuda a inclinar-se também para as identidades, visto que, como conclui a autora, ambas estão “indissolavelmente ligadas”. Zittoun (2008a) aponta para influências exercidas pelos avós nas vidas dos netos, após entrevistar

14 netos adultos e verificar que a característica mais marcante transmitida pelos avós liga-se a traços de personalidade.

Netto (2008) ressalta a importância da memória transmitida entre gerações, principalmente entre avós e netos, pelos rastros de convívio e pelas sociabilidades diversas, para a constituição identitária social de uma etnia, de uma cidade formada por colonos germânicos. Essa transmissão da memória, segundo Zittoun (2009) entre gerações fica evidenciada e se mantendo, apesar das dificuldades de diálogos ocasionadas pelas distâncias territoriais, dado que muitos netos não habitam mais no mesmo interior que seus avós.

Embora existam debates intensos sobre o significado do termo memória, quase todo cientista social concorda que as memórias coletivas não são apenas memórias individuais compartilhadas. De fato, os estudiosos costumam alertar sobre o perigo de emprestar conceitos psicológicos ao discutir algo de natureza obviamente social tal como a memória coletiva (NETTO, 2008, p. 56). Para este autor, as memórias coletivas não são “memórias individuais compartilhadas”, mas, conforme Ramos (2015, p. 63) afirmou, “símbolos publicamente disponíveis mantidos pela sociedade”. Ainda segundo Ramos, uma questão central para a memória das avós é como a sociedade constrói e mantém esses símbolos, a mesma comumente institui a política vigente para um bom conviver, as práticas de memória de uma comunidade e a resistência que uma comunidade pode elevar, ao que esta, muitas vezes, é resultado de esforços empreendidos pelas figuras de autoridade para moldar a memória de uma comunidade. A discussão se concentra nas ações de instituições, grupos sociais e comunidades para manter símbolos públicos, como memoriais.

O indivíduo simplesmente não figura diretamente nesses esforços sociais. Certamente, os indivíduos formam comunidades, e as comunidades agem através dos indivíduos, mas, no final, são as ações e a dinâmica de uma comunidade que importam, tornando quase irrelevante discutir memórias coletivas como memórias individuais compartilhadas entre os avós (ZITTOUN, 2011), ou tratar a formação e manutenção de uma memória coletiva como um fenômeno psicológico.

A memória, assim, é permeada pela presença do ausente, de uma lembrança que se atualiza, além dos silêncios e esquecimentos, tornando-se uma ponte entre passado e presente, sendo este revisitado através do discurso consigo ou com o outro, pois, citando Halbwachs (2006), a memória não se faz sozinha, uma vez que

sofremos sempre a influência dos grupos dos quais fazemos parte, inclusive a família. Esta ideia é corroborada por Ricoeur (2006, p. 53) ao afirmar que é “[...] a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma”. Deste modo, a identidade é construída baseada em um processo memorial.

No caso do desenvolvimento humano, os aspectos que tangem à cultura e à biologia adquirem um “sabor” voltado para o futuro. Os padrões são construídos com um objetivo – orientar a pessoa que os encontra para algum objetivo. Muitos desses padrões culturais construídos são periféricos no relacionamento com nossos mundos pessoais – vivemos entre eles, raramente os notando em segundo plano. Nós até os consideramos “meras decorações” – ou ornamentos. Nossas vidas são vidas ornamentadas – e essa natureza de nossos contextos de atividade cria novas demandas para a metodologia da Psicologia (VALSINER, 2008).

As construções culturais diferem dos padrões da natureza. Embora os ornamentos feitos pelo homem possam imitar a natureza, estes os abstraem de padrões naturais e guiam a criação de significado humano. Todo o empreendimento de organização cultural da vida humana implica a construção de maneiras de se distanciar dos cenários do aqui e agora, permanecendo dentro dos cenários (VALSINER, 2007). Os ornamentos lideram esses esforços abstratos de generalização – são padrões repetitivos de alguns aspectos abstratos da realidade – em vez de aproximarem-se das “cópias” originais da realidade. Eles desencadeiam uma generalização psicológica adicional:

Da naturalização subsequente de um ornamento puro, isto é, uma forma abstrata, e não na estilização subsequente do objeto natural. O fator crucial está contido nesta antítese. Pois revela que o elemento primário não é o modelo natural, mas a lei abstraída dele. Foi, portanto, a projeção artística da regularidade da estrutura orgânica que, em consequência da íntima conexão orgânica de todos os seres vivos, forneceu a base para a experiência estética (VALSINER, 2007, p. 18).

Conceituamos valores como um sistema semiótico afetivo que medeia as relações entre os aspectos emocionais e biológicos da experiência, os princípios culturais construídos de regulação afetiva e as ações e experiências do indivíduo ao longo da trajetória de desenvolvimento (VALSINER, 2008). Os valores são um

amálgama de afetos, cognições e motivações, relacionados a práticas e experiências que emergem ao longo do desenvolvimento. Eles atuam como mediadores semióticos, alimentando constantemente as diferentes posições assumidas pelo *self* dialógico (HERMANS; KEMPEN, 2005), e são essenciais para o autodesenvolvimento junto à ontogenia.

Atualmente, podemos encontrar documentários da mídia, sites e até informações acadêmicas enfatizando o papel do patrimônio biológico no comportamento humano (HAUSER, 2006). Muitas informações disponíveis afirmam que os processos psicológicos podem ser entendidos se olharmos mais de perto e estudarmos como os genes operam. Por exemplo, se fizermos pesquisas sobre a configuração biológica humana. No entanto, é importante sublinhar que a biologia humana não é suficiente para promover e, portanto, explicar o surgimento dos valores humanos (PRINZ, 2010).

Todas as perspectivas mencionadas acima, no entanto, deixam de considerar a dimensão social relacional, entrelaçada com as dimensões subjetivas do desenvolvimento de valores, sem levar em consideração o papel fundamental de tais relações na construção de processos psicológicos e, conseqüentemente, sem prestar atenção suficiente a seu importante papel no desenvolvimento de valores (FALCÃO, 2016).

A perspectiva cultural construtivista enfatiza a separação inclusiva dos processos psicológicos que ocorrem entre sujeito e cultura (VALSINER, 2007), bem como o papel dos sistemas semióticos na emergência, organização e desenvolvimento de valores. Desta forma, conceituamos valores como campos semióticos carregados de afetos que mediam, em um nível hipergeneralizado e além do verbal, as relações entre os aspectos emocionais e biológicos da experiência e os princípios coletivos e individuais construídos culturalmente de regulação afetiva, com o objetivo de estabelecer formas de organização da conduta, bem como a regulação do fluxo da experiência da pessoa (VALSINER, 2007).

Sanjurjo (2014), ao invés da busca por memórias de avós desconhecidas por suas netas, traz a busca das avós por seus netos desconhecidos. No entanto, a problemática apontada por este estudo é semelhante, a saber: a questão relativa à construção da memória dos desaparecidos e a identidade oriunda de suas famílias biológicas. Sanjurjo (2014) trabalha com a ideia para mostrar a luta das “Abuelas de

Plaza de Mayo” em restituir a identidade dos seus netos apropriados pela ditadura na Argentina, e situá-los na história familiar.

Sanjurjo (2014) ainda pontua, ainda, como o sangue, substância biológica, se converte num instrumento crítico para a apropriação das memórias, destacando como os familiares desaparecidos articulam legados familiares e políticos, forjando uma narrativa na qual o sangue, símbolo político para a construção da memória, estabelece a relação e restitui as identidades dos descendentes dos desaparecidos, ou seja, os netos dessas “abuelas”.

No estudo de Weimer (2010), o autor busca o circuito da memória da escravidão entre descendentes. O autor descreve a importância de se observar que certos tipos de memórias saltam gerações, como é o caso da escravidão, e como os netos da primeira geração nascida após o cativo assimilaram e reinterpretaram a questão da escravidão das suas bisavós, e de que forma os netos dos escravos, através das suas inserções no mercado de trabalho, conservaram as memórias familiares sobre o cativo. Foi verificado, nesse estudo, que as memórias não são simples transmissões de uma geração a outra, e sim um processo de reflexão, e estas podem ser propagadas, reforçando a identidade de um grupo, ou silenciadas. O estudo aponta também como as novas tecnologias podem estar minando a transmissão dessas memórias dos mais velhos para as gerações mais novas.

O autor destaca, ainda, que algumas memórias são silenciadas, não transmitidas, por fazerem o locutor rememorar situações de dor, e por não querer que os seus descendentes cresçam com as lembranças de feridas, como é o caso do cativo em que viveram os seus ancestrais, o que leva a uma interrupção no circuito de memórias. Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010), por seu turno, com base em longas entrevistas e observações, traz a importância das relações entre avós e netos, inclusive mostrando o quanto há modificações recíprocas através da convivência destes.

Lammoglia (2008), ao seu tempo, traz um estudo que engloba memória e identidade, ao analisar, a partir do conceito de memória coletiva (Halbwachs), as construções da prática docente articuladas com o carisma franciscano.

2.4 CONCEPÇÃO DA DIFERENCIAÇÃO DE SELF E OUTROS CONCEITOS

A abordagem semiótico-construtivista da Psicologia Cultural, uma abordagem cultural do desenvolvimento, de perspectiva dialógica, inspirada na psicologia semiótica peirciana, elaborada por Valsiner e colaboradores, traz, dentre outros, uma elaboração do conceito de *self* dialógico, construído por Hermans (VALSINER, 2012).

Assim sendo, a identidade também não é vista como algo estático e enrijecido, e sim como tendo um caráter plural, na qual diversas posições do Eu elaboram significados diversos para as experiências vividas pelo sujeito. Ou seja, a identidade é vista como multivocal, o que nos concede possibilidades de narrar as nossas histórias e experiências de diversas formas, a depender da posição de identidade que assumamos. E a coerência do sentido de identidade fica a critério da dança dialógica entre as diferentes posições de Eu, cada uma expressando uma narrativa identitária, e a função auto-organizadora da própria identidade (HERMANS; KEMPEN, 1993).

Segundo esse ponto de vista da Psicologia Cultural, o *self* é o resultado de um processo de construção de significados. Recorrendo a Vygotsky, que entende a pessoa como “[...] um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo” (VYGOTSKY, 1930, p. 33), Valsiner e Laurence (1997) mencionam que, o *self* não é um núcleo isolado de consciência contido em nossa cabeça, mas é social, emerge através dos encontros sociais e é construído interpessoalmente.

Assevera Valsiner (2012, p. 113), com base em Vygostky, que toda construção narrativa do *self* perpassa antes por uma relação social entre duas pessoas. Ou seja, a interiorização das relações interpessoais irá constituir a base da identidade. Ainda segundo Valsiner, “[...] nos modelos teóricos do *self* dialógico, o papel “do outro” é bastante flexível” (ibidem, p. 113). Ele pode ser preenchido por uma pessoa real (“outros sociais” reais na vida da pessoa em desenvolvimento, em interação com ela); pode acarretar construções pessoais de “outros sociais” reais (ou imaginários), “outros sociais” no domínio intrapsicológico de alguém e – finalmente – criação de “vozes” dos “outros” (ibidem, p. 131).

Valsiner (2012) reitera que não só de “outros reais” constitui-se o nosso *self*, mas também fazemos construções pessoais de outros imaginários, assim como criamos “vozes” dos outros. Nosso mundo pessoal está repleto de personagens com

as quais mantemos diálogos imaginários, como as avós com as quais as netas nunca tiveram contato físico. Esses diálogos em silêncio têm a sua importância e são constituintes de uma parte de nossa construção narrativa do mundo. Imaginar estes outros é uma forma de trazê-los para dentro do nosso *self*, onde eles são corresponsáveis pela criação de significados. Por conseguinte, diálogos imaginários e interações reais caminham de mãos dadas (HERMANS, 2008).

Depois de se referir aos domínios internos e externos (o enquadramento sócio-histórico-cultural) e sua importância nas relações estabelecidas no *self* dialógico, Cunha *et al.* (2007) também ressaltam o papel da imaginação, já que essa, segundo Hermans e Hermans-Konopka (2010), permite não apenas a construção de um espaço dialógico interno no qual as posições se relacionam, mas também pode estar implicada na criação de posições do Eu correspondentes a figuras mediante processos imaginativos desempenhados em algum tipo de função na vida do sujeito.

A partir da noção de que o *self* é constituído narrativamente (BRUNER, 1987; HERMANS; KEMPEN, 1993; MCADAMS, 2001), e segundo o pensamento de Valsiner (2012, p. 86) de que “[...] o futuro é sugerido pelo passado, ou melhor, é influenciado por sugestões do passado [...]”, assim como “[...] a cultura encontra-se como parte do sistema psicológico do indivíduo [...]”, propõe-se, nesta pesquisa, aprofundar o entendimento acerca da influência das narrativas de histórias de vidas das avós desconhecidas devido à morte anterior ao nascimento de suas netas, na construção da identidade destas.

Narrativas acerca de avós falecidas podem referenciar o modo por meio do qual o sujeito constrói a sua identidade? Podem estas narrativas prevalecer na construção dos sujeitos e incutir neles valores, crenças, hábitos e comportamentos, e deslindar a sua forma de perceber o mundo e modificar a sua realidade social? A maneira como escutamos as histórias dos nossos antepassados constrói a nossa identidade? Até que ponto as narrativas acerca das nossas avós nos move para fazer sentido de nós mesmos e do mundo que nos cerca?

Toda vida humana é semioticamente organizada. Isto quer dizer que a nossa vida é mediada por signos, signos estes que criamos a todo instante, e que são interceptados pelos afetos, sendo, através deles, que damos sentido à nossa subjetividade (VALSINER, 2007). Segundo Valsiner, “[...] a experiência afetiva é socialmente regulada mediante sugestões sociais que são codificadas nos signos,

em diferentes níveis de generalização e nos três domínios encaixados nos quais a experiência flui continuamente – o microgenético, o mesogenético e o ontogenético.” (*ibidem*, p. 251).

Monteiro (2011) afirma que o domínio microgenético é o que se revela no momento presente, e é irrepetível; o mesogenético, sendo o organizador central, que goza de relativa estabilidade e tendo domínio coletivo-cultural, que, normalmente, se integra ao domínio ontogenético da subjetividade; e, por fim, o ontogenético, o domínio mais constante da vida cultural humana, no qual se encontram as estruturas de significado mais estáveis que orientam a pessoa ao longo do seu curso de vida, permitindo uma continuidade ontogenética no campo do *self*. É a dança dos signos e sua a criação afetiva entre estes domínios que insere o ser humano na ordem da cultura.

Partindo dessa ideia, Valsiner (2007) traz o conceito de Regulação Semiótica da Experiência Humana. Esse modelo mostra como os processos de emergência da função semiótica funcionam em meio aos campos afetivos na regulação da conduta pessoal, sendo importante na configuração do sistema de *self*. Os processos de autorregulação semiótica emergem a partir das interações dialógicas com outros significativos, presentes em diferentes esferas da experiência. O *self* dialógico opera como um sistema autocatalítico, ou seja, um sistema no qual seus componentes se autorreproduzem, ao mesmo tempo em que lidam com as novidades da experiência, e onde novas orientações de crenças podem ser sintetizadas com base na orientação do valor subjacente de uma pessoa (VALSINER, 2007).

Ao longo da vida, a pessoa instrumentaliza-se semioticamente, o que vem a facilitar a sua mediação com outras pessoas e dela com o mundo, reconfigurando, assim, o seu próprio *self*, e influenciando pensamentos, sentimentos e escolhas. Neste trabalho, compreendeu-se a figura da avó como um signo capaz de influenciar e orientar as escolhas de netas em diversas esferas da experiência, contribuindo para a tomada de decisões e escolhas ao longo da vida.

O *self* dialógico alterna flexibilidade e inflexibilidade, estabilidade e instabilidade. O processo dialógico pode se sustentar relativamente estável por um tempo e, num instante, sofrer alteração, visto que “[...] a construção semiótica é constante e superabundante” (VALSINER, 2007, p. 96). “O estado comum de operação dentro do Eu é algum tipo de multivariação solta, em vez de um esforço ansioso pela síntese” (*ibidem*, p. 96). Valsiner continua sinalizando que o fluxo da

experiência imediata dá um número crescente de significados abstratos, em que cada nível mais alto de signos regula o funcionamento dos níveis inferiores que, por sua vez, tornam a experiência imediata significativa.

A criação da figura afetiva da avó chega ao *self* mediada pela atividade semiótica intrapessoal. Através das narrativas e dos legados familiares, constroem-se campos de sentimento hipergeneralizado, que têm a capacidade de orientar a conduta do sujeito, interferindo na sua trajetória. A mediação entre o passado lembrado através de narrativas acerca da avó não conhecida e o presente se faz através dos signos.

Alguns conceitos da teoria sistêmica foram relevantes para as formulações aqui apresentadas, por exemplo, o termo Lealdade Invisível, cunhado pelo psicanalista de origem húngara Ivan Böszörményi-Nagy (2007), criador da terapia contextual, que compreende as relações interpessoais a partir de uma visão dialética das relações humanas, ou seja, na qual a presença do outro é condição *sine qua non* da definição de Eu (interdependência eu/outro), introduzindo o conceito de ética relacional, um conceito a-teórico, não moralizador, e que não faz nenhuma imposição ao altruísmo, mas que faz menção a uma responsabilidade e engajamento, seno que, ao tornar-se devedor com relação a um membro da família, o sujeito fica obrigado à reciprocidade, ou seja, o sujeito precisa aperceber-se do que recebeu dos demais e do que passou a lhes dever.

Para Madureira e Branco (2015) as famílias constituem os mais conservadores de todos os sistemas, e os antepassados nos legam não apenas os seus genes, mas as suas histórias, seus destinos, suas regras, suas vidas, os quais transmitimos para a posteridade, sendo que a adesão inflexível às pautas do sistema pode levar a uma patologia. A lealdade invisível refere-se à existência de expectativas diante das quais todas as pessoas assumem determinados compromissos, estabelecendo conexões firmes entre as gerações passadas e futuras (OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010), fibras invisíveis que mantêm unidos os membros de uma família numa complexa trama relacional de obrigações éticas, sendo, deste modo, também, uma forma inconsciente de honrar os ancestrais.

Segundo Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010, p. 45) “[...] para elaborar um verdadeiro padrão multigeracional de relações familiares, temos que nos basear em informações retrospectivas, incluindo as memórias que os vivos têm dos mortos”. Os

membros de uma família, para se sentirem pertencentes, precisam seguir regras implícitas e explícitas que reverberam na família, como se estas fossem as senhas de acesso. Muitas destas regras, embora representem sacrifícios, são apreendidas na própria experiência em família, inconscientemente.

Cada família tem um significado para a palavra 'lealdade', e esta é construída com fins de regular o funcionamento e fortalecer os vínculos, com o intuito de preservar a linhagem familiar, perpetuando-a. As lealdades familiares são baseadas nos méritos próprios de cada família, entendidos como sendo aquilo que cada um de seus membros pode esperar receber e o que deve dar à família (OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010).

Segundo Valsiner (2001, p. 63), “[...] a lealdade familiar – boa ou má – é sempre a manifestação objetiva do amor possível e da solidariedade que permeia as relações entre os membros do grupo”.

A qualidade definidora de uma lealdade invisível não é que a qualidade ou o comportamento seja prejudicial, mas sim que é *obrigatório*. Muitas vezes, na quantidade certa e no contexto certo, a qualidade ou o comportamento que compõe uma lealdade invisível podem ser benignos ou até úteis: por exemplo, o desapego emocional pode levar ao isolamento se for praticado em todas as circunstâncias, mas pode ser útil durante situações de crise ou ao tomar decisões difíceis; a autocrítica crônica muitas vezes gera sofrimento intrapessoal e intrapsíquico, contudo, em doses pequenas e controladas, pode gerar determinação e impulsionar a conquista; o excesso de confiança pode ser atraente em alguns contextos e irritante ou até perigoso em outros. Praticamente, qualquer qualidade ou comportamento que possa ser nomeado é adaptável, e facilmente se torna desadaptativo quando parece fora de controle.

Uma vez que as lealdades invisíveis são descobertas, pode ser fácil confundir raiva ou ressentimento com figuras de apego, afinal, tais aspectos dificultaram nossas vidas quando éramos pequenos e agora, mesmo depois de termos escapado de sua influência direta, suas qualidades e comportamentos problemáticos continuam a atormentar-nos, obrigando-nos pelos mesmos caminhos miseráveis pelos quais fomos arrastados antes.

As construções de novos significados são desencadeadas por rupturas que ocorrem quando as pessoas enfrentam situações que questionam o que elas dão

como certo, seus campos de significado operacional existente ou conjuntos semióticos (ZITTOUN, 2012). Consequentemente, cria-se uma dinâmica semiótica para ajudar a pessoa a superar rupturas e reduzir a incerteza, lidando com sentimentos emergentes, enquanto ela negocia, modifica e transforma significados culturais e compartilhados, criando novos conjuntos semióticos que organizam e (re)estruturam seu caminho pessoal na vida, tricotando passado e futuro no presente.

3 ENTREVISTANDO AS NETAS

Neste capítulo, descreveremos os procedimentos utilizados na seleção, coleta e análise das seis entrevistas realizadas, bem como procederemos à sua análise propriamente dita.

3.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Neste estudo, as memórias evocadas pelas participantes se constituirão de material de investigação que poderá nos levar à compreensão do processo de significação de avós desconhecidas.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, baseada em estudo de casos múltiplos, assim como de cunho autoetnográfico, dado que, segundo Laville e Dionne (1999) envolve uma análise em profundidade de alguns casos selecionados, com dados coletados através de narrativas biográficas de netas. Há o próprio relato da autora desta pesquisa e seu olhar sobre os demais relatos, a qual utilizou a sua própria experiência como lente.

Quando a pesquisa visa a familiarizar-se com um fenômeno ou adquirir uma nova visão sobre ele, a fim de formular um problema mais preciso ou desenvolver uma hipótese, estudos exploratórios (também conhecidos como pesquisa formulativa) são úteis. Se a teoria for muito geral ou específica demais, uma hipótese não poderá ser formulada. Portanto, uma pesquisa exploratória pode ser realizada e instituída para ganhar experiência, que pode ajudar na formulação de uma hipótese relevante para uma investigação mais definida (SHANTZ, 2009).

De acordo com Santos e Biancalana (2017), a pesquisa autoetnográfica é uma forma de pesquisa qualitativa, na qual um autor usa a autorreflexão e a escrita para explorar experiências pessoais e anedóticas, e conectar essa história autobiográfica a significados e entendimentos culturais, políticos e sociais mais amplos. A autoetnografia é uma forma autorreflexiva de escrita usada em várias disciplinas, como estudos de comunicação, estudos de desempenho, educação, literatura inglesa, antropologia, serviço social, sociologia, história, psicologia, estudos religiosos, marketing, administração comercial e educacional, educação artística e fisioterapia.

3.2 ESCOLHA DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A seleção das netas foi realizada, intencionalmente, com base no objeto de pesquisa e na revisão da literatura, conforme orienta Galvão (2008). Foram entrevistadas cinco netas e a mãe de uma das netas.

A escolha das netas está relacionada a pesquisas anteriores que também se propuseram a entrevistar atores sociais em posição transgeracional (GALVÃO, 2008). Neste sentido, a decisão metodológica adotada propõe uma pesquisa com participantes pertencentes às camadas médias.

As netas foram contatadas por meio da minha rede de conhecimentos. Entrei em contato com parentes, amigos/as e conhecidos/as pessoalmente, por telefone e e-mail apresentando minha pesquisa, e buscando indicação das netas dentro do perfil desejado. Assim sendo, a escolha das entrevistadas foi feita através de snow ball ou “bola de neve”, uma metodologia que utiliza cadeias de referência, identificando-se um entrevistado e, a partir da rede de contatos deste, tendo-se acesso a outros potenciais entrevistados (LAVILLE; DIONNE, 1999).

As entrevistas foram realizadas na cidade de Salvador-Bahia, em virtude de três fatores primordiais: local de minha residência e, em consequência, facilidade de acesso às participantes e rede de contatos. Todas as entrevistas foram realizadas na residência das entrevistadas, em dia e hora previamente agendados.

3.2.1 Procedimentos para análise

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo é útil para profissionais como psicólogos que lidam com material qualitativo a exemplo de entrevistas.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Com relação aos procedimentos de análise, este pode ser dividido em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados – inferência e interpretação dos dados analisados (BARDIN, 1977).

Optamos pela análise das narrativas de cada um das participantes através da análise de conteúdo, visto que estas narrativas mostram como as pessoas enquadram e entendem um conjunto de experiências, fazendo uma articulação com o contexto ideológico e social delas, centrando-se numa análise do sentido e não no conteúdo das narrativas, e comparando as narrativas das netas e de suas respectivas mães, tias ou figuras de afeto. Para tanto, após a coleta das narrativas através de entrevistas gravadas em áudio, transcrição das falas, seguida de organização da análise, partiu-se para uma etapa de cunho analítico com a exploração do material, fazendo as devidas categorizações (divisão em eixos temáticos); e, por fim, buscamos articular a análise, fazendo-se um paralelo com as perspectivas teóricas (BARDIN, 1977).

Foi utilizado o tema como unidade de registro e de significação, portanto, no tratamento dos resultados, buscamos dar sentido às temáticas de maior e menor frequência de aparição ou destaque. Conforme Bardin (1977):

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação, e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise e não de manifestações formais reguladas. (BARDIN, 1977, p. 105-106).

Segundo a autora, o tema é frequentemente empregado como unidade de registro para investigar motivações de atitudes, de valores, de opiniões, de crenças, entre outros, e investigar respostas a questões abertas, a entrevistas individuais ou grupais.

A partir do conteúdo temático das entrevistas transcritas, e com base nas referências teóricas, como Jaan Valsiner, que traz uma abordagem sobre os fundamentos da psicologia social, perpassando pelos aspectos culturais e da mente, e Tania Zittoun, que discorre sobre o desenvolvimento do *self* na transição para a vida adulta, dentre outros, constituímos categorias de análise conforme os critérios de construção de boas categorias apresentados por Bardin (1977). Essa categorização forneceu uma representação dos dados que são apresentados em forma de texto e de quadros de análise que expõem sínteses e trechos das falas das entrevistadas.

3.3 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Os atores sociais participantes do contexto das entrevistas foram identificados por pseudônimos, com o intuito de preservar suas identidades. Foram utilizados os seguintes pseudônimos: Margarida, Rosa, Astromélia, Gérbera, Hortênsia e Tulipa. Dentre as entrevistadas, há duas duplas de primas e uma dupla formada por mãe e filha. Tais escolhas foram motivadas com o fito de redesenhar melhor os achados da pesquisa para melhor compreensão do tema discorrido.

As participantes têm idades entre 30 e 50 anos, critério que garante maior probabilidade de serem encontradas netas que não conheceram as suas avós maternas fisicamente por motivo de morte destas, visto que a expectativa de vida na época das mencionadas avós era baixa (FALCÃO, 2012). São todas moradoras da cidade do Salvador, assim como suas respectivas mães ou outro parente com quem essa neta mantenha relação de afeto.

3.4. PROCEDIMENTOS E ESTRUTURA DA ANÁLISE

As entrevistas foram transcritas e passaram por procedimentos de leitura e exploração do material, além do agrupamento em temas. Os temas dominantes e ausentes, isto é, de maior e menor aparição ou destaque foram analisados e interpretados à luz das teorias e literatura consultada, conforme apresentaremos a seguir.

3.4.1 Os temas analisados

A partir dos objetivos deste estudo e inspirados por modelos de análise desenvolvidos por outros autores (GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2016), propomos cinco categorias que permitem sistematizar os resultados aqui obtidos:

Categoria 1: Memórias das avós: imagens e lembranças.

Categoria 2: Histórias de memórias traumáticas e sombrias.

Categoria 3: Da memória transgeracional.

Categoria 4: Interiorização.

Categoria 5: Trajetória sombra.

Categoria 6: Resgate da história para uma reparação.

4 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE TRANSGERACIONAL

O presente capítulo tem por objetivo apresentar os resultados e discussões da análise das entrevistas, fundamentando-as com o entendimento dos autores referenciados.

4.1 AS MEMÓRIAS SABEM DE NÓS MAIS DO QUE NÓS MESMOS E ELAS NÃO PERDEM O QUE MERECE SER SALVO. MEMÓRIAS DAS AVÓS: IMAGENS E LEMBRANÇAS

No mundo contemporâneo, as avós passaram por mudanças significativas ao longo da vida, não só porque ocuparam lugares diferentes na família, mas também porque modificaram suas formas de pensar e agir, na medida em que acompanharam as transformações sociais mais amplas da sociedade, e realizaram modificações profundas nas maneiras de compreender e vivenciar as próprias relações familiares (BARROS, 2003).

As avós apresentam hoje, com mais clareza, a tensão que vivenciam entre os valores individualistas e a hierarquia familiar. Kipper e Lopes (2006) esclarecem que o processo de individualização consiste na tentativa de encontros relacionais com múltiplas alterações em diferentes esferas da experiência. Encontros dialógicos com múltiplos “outros” tornam-se progressivamente internalizados na forma de posições.

O Eu é, portanto, um “espaço” ou, como sugerido por Hermans (2001), uma “paisagem” composta de relações entre as posições de Eu (I-positions), que são mais do que meros papéis sociais (papéis socialmente esperados). Eles também se referem a significados reflexivos e estados afetivos (HERMANS, 2001). Sendo assim, a posição específica é uma estrutura emergente em um campo de significado de possíveis posições de Eu alternativas, em que o indivíduo se posiciona em um determinado contexto.

Conforme os transcritos das entrevistas apresentados nas páginas que se seguem, observou-se, de um modo geral, uma tênue afinidade das respostas. Nas repostas das primas Rosa e Margaridae, percebemos pontos de convergências.

Eu penso, eu imagino, [a avó] uma mulher zeladora da casa. Da casa e dos filhos. Muito cuidadora, muito cuidadosa dos filhos, de casa.

Aquela mulher da casa. É a forma que eu imagino que ela tinha sido como meu pai retratava ela. (ROSA)

Cuidar é algo que me remete à minha avó. Eu acho que essas histórias falam de valores como família, principalmente. Talvez de que deveríamos ser leais e cuidar dos membros da nossa família. (MARGARIDA)

Contudo, verificam-se momentos em que as netas Rosa e Margarida se contrapõem em suas respostas. Enquanto uma tem um imaginário com resquícios das memórias sobre a avó, a segunda adentra profundamente em detalhes ilustrativos, redesenhados nas suas memórias a partir das narrativas familiares.

Tudo o que sei da minha avó, eu sei através do meu pai: os cuidados dela com a casa, com o preparo dos alimentos, os cuidados estéticos, o lidar com os filhos (ROSA)

No meu imaginário, tenho a imagem dessa avó que, tenho consciência, foi construída através das coisas que eu ouvi sobre ela e também pelas imagens que vi nas fotos, de uma mulher robusta, sempre de cabelos presos, com um semblante sereno. Uma mulher simples, sempre com poucos acessórios, apenas um brinco pequeno pendurado. Das primeiras imagens, eu vislumbro ela na cozinha e almoçando em família numa grande mesa, falando baixinho, bem baixinho. (MARGARIDA)

Sobre isso, Teiga (2012) afirma que a memória pode ser um local indescritível de investigação, porque é muito dinâmica. As experiências que produzem nossas memórias ocorrem dentro de um complexo de relações de poder, e é em seu âmbito que são lembradas, refeitas e esquecidas. Essas relações não são fixas, mas mutáveis, e nossos entendimentos e interpretações sobre elas mudam. As imagens de mala frequentemente invocadas do termo “bagagem de memória”, sugerem que o conteúdo da memória é ao mesmo tempo encapsulado e fixo, quando na verdade o aspecto interpretativo da criação de significado pode levar a encontrar um conjunto transformado de bagagem ao reabrir.

A própria ideia de memória intergeracional trazida por Valsiner (2012) destaca a importância de entender não apenas o passado, em que ocorreram eventos consequentes, mas também os períodos intermediários entre esses tempos anteriores e o presente. Entendimentos, interesses e conhecimentos se transformam no tempo, dentro de um complexo nexo de mudanças nas relações de poder. Assim,

o campo de jogo desigual não é um campo ilimitado e aberto, mas restrito por uma gama de possibilidades.

Ainda segundo Valsiner (2012), a ontologia dialógica e relacional consiste em dualidades opostas que são mutuamente constitutivas e ligadas sistematicamente – logo, unidas e não mutuamente exclusivas – implica em considerar como complementarmente unidos, relacionados por “separação inclusiva”, opostos do tipo uma pessoa e seu contexto ambiental, sujeito e objeto, interno e externo, real e potencial/imaginário, passado e futuro, liberdade e restrições, concreto e abstrato, particular e universal, figura e fundo, único e geral, explícito e implícito.

Vejamos uma transcrição que revela o aspecto relacional citado por Valsiner:

Vem a imagem de uma mulher que nunca alterava a voz, que nunca se alterava. Equilibrada. E que devia “engolir muitos sapos” para não transparecer nenhuma inquietação. Acho que ela fazia isso para não incomodar ou causar preocupação no outro. Ou talvez pelo fato da mulher, naquela época, ser silenciada. Imagino ela como uma mulher limpa, asseada e simpática. Posso dizer que “me lembro” dela andando pelas ruas do Cabula, à frente do seu tempo, indo ensinar, mesmo que a mulher, naquela época, fosse subserviente ao marido, ou dela lavando as roupas sentada numa cadeira de rodas.
(MARGARIDA)

As pessoas se encontram em um campo cultural que lhes fornece os meios simbólicos para entenderem o que acontece e gerenciar suas interações com os outros. A maioria das interações geralmente serve para garantir que os significados possam ser “tomados como garantidos”, enquanto, ao mesmo tempo, também legitimam os processos que os geram. De tempos em tempos, no entanto, as pessoas se vêem confrontadas com algum tipo de descontinuidade ou ruptura em sua experiência comum e, nestas circunstâncias, recorrem a dispositivos simbólicos disponíveis em seus ambientes ou em sua cultura (VALSINER, 1998), que lhes permite fazer um novo ajuste à situação ou “resolver o problema”. Em outras palavras, o uso de elementos simbólicos por um agente para conseguir algo em um contexto social, cultural e temporal particular, constitui esse dispositivo simbólico como recurso, que permite ao agente fazer a transição de uma formação sociocultural para outra (ZITTOUN, 2011).

De acordo com Ramos (2015), a memória influencia nossa identidade, nosso sentimento de pertencer ao mundo e as maneiras como nos relacionamos com os eventos ao longo de nossas vidas. A memória que temos de nossas próprias

experiências e das experiências vividas por nossos antepassados, como por exemplo, as avós, molda nossas personalidades, ações e relacionamentos.

Os relatos das entrevistadas nos faz refletir que as histórias de família transmitem narrativas compartilhadas e contínuas da memória das avós, persistentes além da experiência de um membro individual, e que uma família constrói para criar um senso de identidade coletiva e conexão através de várias gerações.

Zittoun (2016), em seu estudo, menciona que, de outro modo, as pessoas vivem com um sentimento subjetivo de lealdade a suas próprias famílias. Hoje, existem muitos desafios para as famílias e comunidades maiores construir sua memória coletiva através das gerações. Cardoso (2011) enfatiza as situações em que diferentes gerações de uma família são separadas, seja por migração, desastre ou outros motivos, e são incapazes de compartilhar suas memórias por meio da narrativa conversacional e pessoal que caracteriza grande parte da comunicação familiar. Além disto, as mudanças na dinâmica familiar, como as crianças nascidas mais tarde na vida de seus pais, desestabilizaram as oportunidades cotidianas, tomadas como garantidas, para diferentes gerações se encontrarem.

A entrevista realizada com Astromélia nos faz pensar sobre a construção da memória recriada e reinventada através das gerações.

Minha avó sempre me foi retratada como uma pessoa muito altruísta, muito bondosa, sempre descreveram ela pra mim como uma pessoa extraordinariamente altruísta, como uma pessoa que sempre faz o bem pros outros, algo assim... surreal. Sempre falam, a retratam pra mim como uma pessoa surreal de bondosa. Já me contaram várias histórias. Dia desses, eu estava lembrando de uma que contaram pra mim, que na maternidade, quando ela foi ter minha mãe, porque os outros 8 filhos ela teve em casa mesmo, parto normal, só minha mãe que foi cesárea. Ela foi ter no hospital, e ela não tinha muita condição, ela morava na roça com meu avô e já tinham 8 filhos e tal, não tinham tão boas condições assim, mas ela encontrou com outra mulher lá que ia ter filho e estava numa condição ainda pior, e ela dividiu o enxoval dela, que era de minha mãe, ela deu metade do enxoval dela pra essa mulher que ia ter filho também. Isso no dia em que ela faleceu, no dia do parto de minha mãe. (ASTROMÉLIA)

Zittoun (2016) assevera que as externalizações pessoais, inicialmente destinadas a dar forma a uma memória pessoal e a compartilhar a construção de uma memória coletiva se torna possível através de sinais ou símbolos que nos

transportam experimentalmente para fora da nossa perspectiva de primeira pessoa incorporada nas perspectivas dos outros sociais.

Assim, quando a memória coletiva é transformada em representações estáticas privadas de um sujeito, a lembrança coletiva torna-se o processo ativo pelo qual os membros do grupo criam memórias sobre o passado. Ferramentas culturais, como textos e quadros narrativos, mediam a relação das pessoas com o passado e fornecem os meios para produzir discursos sobre a história do grupo.

Em outras palavras, a memória familiar é única em relação a outras formas de memória coletiva, devido à ênfase dada aos indivíduos, às fortes “lealdades” entre os membros que se identificam como parte da família e à sua forte dimensão emocional. Também é intergeracional, constituída por meio de interação social contínua e comunicação entre filhos, pais e avós.

No entendimento de Valsiner (2007), a memória da família é composta por elementos comunicativos, como histórias familiares e conhecimentos herdados, além de elementos culturais, como heranças e rituais. Esses diferentes elementos são analiticamente distintos, mas se sobrepõem na prática. As distinções tornam-se mais embaçadas no contexto da “memória mediada”, onde histórias e outras informações são inscritas e preservadas em registros, textos, imagens e outros artefatos de informações.

Com isso, aprendemos que a memória das nossas avós envolve uma quantidade significativa de trabalho informativo, e que isto é realizado pelas pessoas, em parte, como uma busca de significado através da aprendizagem do passado de sua família.

Observamos que, quando as entrevistadas criaram suas memórias, também assumiram a responsabilidade de repensar sobre o significado e a acessibilidade dos artefatos de memória que elas herdaram, influenciando as maneiras como elas imaginavam suas próprias narrativas.

4.2 MEMÓRIAS DAS NARRATIVAS DE MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS DAS AVÓS

A psicologia sociocultural reconhece que as pessoas estão posicionadas dentro de fluxos simbólicos diferentes e entrelaçados no mundo sociocultural, nos quais eles podem ser deslocados (DUVEEN; BENSON, 2001). A partir dessa perspectiva, a pessoa é vista como um agente continuamente envolvido em um

processo ativo de conferir um significado pessoal para os locais e os fluxos simbólicos nos quais estão inseridos. Mesmo que os significados que emergem façam parte de um sistema simbólico coletivo, cada indivíduo se apropria dele de modo pessoal.

Em parte, o contexto em que esses processos são incorporados também é sempre temporal. Hábitos passados orientam as ações e a pessoa em direção a um futuro (LEO, 2004). Essa visão também enfatiza o papel dos meios simbólicos na ação e no pensamento, reconhecendo que os fenômenos ligados ao trabalho de identidade, aos processos de aprendizagem, à interação social e às atividades localizadas são altamente interdependentes (BYDLOWSKI, 1997). Essas interdependências são ancoradas precisamente nos significados que as pessoas conferem às coisas, às pessoas e às situações, em seus papéis em tais situações e em suas próprias intenções e nas intenções de outros (BRUNER, 2003).

A realidade, em muitos casos, pode ser dolorosa demais para suportar, e, portanto, os indivíduos podem preferir inventar narrativas paralelas para amenizar seu impacto dramático. Ultimamente, esta característica específica do funcionamento do trauma tem sido usada em uma variedade de diferentes tramas.

Duas das entrevistadas narram memórias traumáticas oriundas de suas avós, conforme registro a seguir:

Eu não tenho dúvidas de que a minha avó, ela foi morta, foram processos de violência que ela foi sofrendo. A gente não sabe como que foram essas gravidezes, a gente não sabe como é que foram, a gente sabe que ela sofreu vários abortamentos, a gente sabe que ela sofreu várias violências. Tem violência psicológica, tem violência física, tem violências de várias formas que a minha avó sofreu. É... a minha prima dizia isso quando tava aqui em casa agora em janeiro. Ela dizia: a avó morreu, morreu de sofrimento, né? A vó morreu de sofrimento. A gente não tem dúvida disso. (GÉRBERA)

A minha avó sofreu muito. Foram várias violências, a principal delas a violência psicológica e física que ela sofreu praticadas pelo meu avô. Ela morreu de tanto sofrimento, de tantas traições e desprezo dele. Ele foi matando ela aos poucos de infelicidade. (HORTÊNCIA)

Segundo a compreensão das falas transcritas acima, é interessante discorrer o entendimento de Hermans e Kempen (1993), o qual enfatiza que o processo de percepção e de memória está diretamente ligado à formação do comportamento adaptativo. A percepção também é um processo de inferência e pode ser

influenciada por estratégias funcionais e adaptáveis no passado. As experiências passadas afetam os padrões atuais de comportamento por meio de previsões futuras baseadas em bancos de dados de memória. Todavia, a reconstrução de memórias emocionais e traumáticas é contínua e dinâmica. Os estudos da psicologia social demonstram que o cérebro não armazena registros factuais, mas vestígios de informações que serão usadas para reconstruir memórias, que nem sempre são representativas do que realmente aconteceu no passado.

Dessa forma, quando um evento traumático ou emocional é recuperado, ele pode sofrer um processo cognitivo e mudança emocional. Oliveira (2011) observou a falta de precisão no processo de recuperação, demonstrando o fenômeno das memórias traumáticas.

Anne Schutzenberger (1997) esclarece que, mesmo que uma memória emocional não forneça um retrato completamente factual das experiências passadas, o conteúdo emocional configurado como memória é uma representação absolutamente genuína das referências internas do indivíduo.

(...) já escutei muitos relatos dele (do tio) a respeito da minha avó, sempre nessa lógica de que ela era muito boa, de que ela cuidava de todo mundo, é... agora, meu tio, sim, fala que ela morreu de sofrimento. Foi muito sofrimento. Hoje, (...) eu acho que ela tinha depressão, tinha um monte de coisa aí nesse processo. (GÉRBERA)

Conforme o relato acima, apreendemos que as memórias declarativas (acessíveis verbalmente), juntamente com atitudes resilientes (capacidade de passar por períodos difíceis e se recuperar com qualidade de vida satisfatória), como aprender com experiências, autoestima, autoconfiança e tranquilidade para enfrentar as dificuldades, podem fazer parte desse imenso repertório e, conseqüentemente, participar do processo de reconstrução da memória.

Gagnebin (2004) menciona que a recuperação de memórias traumáticas, espontaneamente e por indução, ocorre em um estado alterado de consciência, com notável expressão emocional. Uma vez que o estado de consciência é alterado por meio de indução e relaxamento, a percepção de um evento também pode sofrer mudanças, e, conseqüentemente, uma nova interação e relacionamento com o contexto do trauma.

Períodos de transição em uma vida útil são períodos que seguem eventos que puseram em risco determinadas rotinas ou situações consideradas como certas;

estes eventos podem ser vistos como rupturas no fluxo regular da experiência de alguém da família (avós, pais, tios etc.). Na vida adulta, as transições podem acompanhar as mudanças internas de uma pessoa, algumas mudanças em seu entorno ou sua realocação em outro ambiente (mudança de profissão, país em movimento); as transições também podem seguir eventos sociais mais amplos. Portanto, essas rupturas exigem processos de reposicionamento, e podem convidar novas aquisições, entendimentos e redefinições pessoais. Neste sentido, as transições na vida adulta são ocasiões para o desenvolvimento (GAGNEBIN, 2004).

(...) eu já fui religiosa, já fui freira. Então... e a congregação que eu participava (...) é uma congregação que trabalha com mulheres. (...) Me chamou a atenção o fato dessas irmãs trabalharem com mulheres que sofriam de situação de violência. Na época, eu não sabia porquê. Claro, depois eu fiz terapia, depois a gente vai retomando a própria história, e chegou um momento que, eu lembro que eu cheguei a comentar isso com meu pai: "Poxa, eu tô trilhando esse caminho, porquê eu acho que tem a ver com a minha avó". Porque a história da minha avó sempre me chamou muito a atenção. (...) eu fiquei durante muitos anos trabalhando com grupos de mulheres como educadora social, eu já tive que ir ao IML, por exemplo, reconhecer corpo de mulher que foi assassinada, entendeu? É... e foi um dos momentos mais difíceis pra mim. E quando eu fui reconhecer a carioca, a mulher que foi morta, eu fiquei umas duas ou três semanas sem dormir direito, e eu sempre pensando na minha avó, assim. Sempre ficava pensando na minha avó. Então, na verdade... e fazer psicologia, para mim, foi, na verdade, uma segunda opção depois, né, porquê minha primeira formação é teologia, no sentido, eu quis fazer psicologia pra tentar entender esses processos, pra tentar me compreender e tentar entender esses processos aí de violações, violências e tudo. (...). (GÉRBERA)

Durante as transições, as pessoas podem usar elementos simbólicos como recursos, conforme demonstra Zittoun (2016). Quando uma pessoa usa recursos simbólicos em um período de transição, ela não age apenas sobre seu ambiente interpessoal, material e simbólico, mas também modifica sua vida "interior". Os processos de construção "ocultos" que ocorrem na interioridade e ligados ao uso de recursos simbólicos podem ser vistos como uma possível contribuição para uma psicologia sociocultural do desenvolvimento de adultos.

Ah, todos possíveis: é ser a melhor mãe, a zelar pelos meus filhos sempre, pensar neles, pensar no futuro deles, é ser cuidadosa... por tudo o que ela viveu ao lado do meu avô... a minha avó foi uma

mulher que apanhou do marido, ela foi traída, e ainda assim, ela não perdeu o reboledo, não, ela continuou sendo mãe, esposa, zelando por eles, e de tanto sofrer, eu tenho pra mim, e eu acredito, e todas as minhas primas também, que ela adoeceu de tanto sofrer. Foi o momento que Deus disse: “Não, filha, eu vou te tirar daí, porque o sofrimento tá grande, né?” 14 filhos e você não tá tendo o valor merecido. Ela sofreu muito. Eu busco não sofrer tanto, mas amar os meus filhos incondicionalmente, assim como ela amou os dela. (HORTÊNCIA)

Percebe-se que a busca pela compreensão das memórias traumáticas inclui também a avaliação da contribuição da personalidade e dos fatores ambientais, conforme vimos nos relatos das netas entrevistadas.

Para Gagnebin (2004), a caracterização de um evento como traumático não depende apenas do estímulo estressor, mas, entre outros fatores, da tendência do indivíduo a processar suas percepções. A dinâmica psicológica pode ser entendida como uma tendência interpretativa emocional que afeta o diálogo interno relacionado a um evento significativo. Da mesma maneira que várias pessoas no mesmo ambiente podem experimentar e perceber situações diferentes e comuns, as memórias traumáticas de um ente familiar podem ser semelhantes, mas nunca idênticas.

A experiência reconstruída na forma de uma memória que traz tristeza ou qualquer outra emoção deve ser respeitada como um processo subjetivo. A narrativa de uma memória traumática é afetada pelo repertório individual de representações e dinâmicas sociais, que configuram padrões interpretativos do evento. Como consequência, entendemos que deve ser observada a narrativa interpretativa que surge com o “conteúdo da memória”, além dos episódios emocionais ou traumáticos.

Schutzenberger (1997) abordou as maneiras pelas quais o “material” da memória dos antepassados familiares pode ser mediado por artefatos físicos e insights importantes sobre os objetivos e os propósitos de compartilhar memórias traumáticas. Os relatos das motivações e das práticas focadas no futuro levam as gerações mais jovens (no caso as netas) a co-construírem coletivamente as memórias.

Notamos que as narrativas das memórias traumáticas das entrevistadas podem ser consideradas como instrumentos de produção de significados e de constituição de *self*, são co-construídas com os outros que permeiam o contexto

sociocultural de inserção do indivíduo, e são importantes no processo de constituição de uma identidade (MCADAMS, 2001).

[...] eu quero ver o melhor da pessoa, e eu sei que isso vem lá de trás, da minha avó, entendeu? Da mãe dela, e da família dela que ainda tá aqui, os irmãos dela... que a gente vê que eu pareço muito com o meu pai e, conseqüentemente, eu pareço muito com a família da minha avó, e não com a família do meu avô. Eu acho que me tornei, e tenho me tornado dia a dia, porque (...) eu tô sempre buscando neles, do que meu pai faria, e conseqüentemente o meu pai faria o que a mãe dele fez sempre, então eu acho que eu tenho me tornado, dia a dia, uma pessoa melhor. (HORTÊNCIA)

Verificamos que a narrativa mencionada tem a função de construir uma configuração integrativa do *self* no mundo adulto, inclusive devendo ser entendida como a própria identidade da pessoa, visto que ela expressa o que somos e como nos transformamos no que somos ao negociarmos um sentido de *self* com os outros. Ou seja, há uma perspectiva funcional das narrativas, ou melhor, “as funções ou ações sociais que elas desempenham nas vidas das pessoas: como as pessoas realmente usam histórias em situações do seu dia-a-dia de modo a criar (e perpetuar) um sentido de quem são como elementos culturais e simbólicos” (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 379).

Zittoun (2016) considera a pessoa dentro dos mundos simbólicos, mas também a pessoa como um selecionador ativo e usuário de elementos culturais como recursos simbólicos de traumas. Focando o papel da pessoa dentro de certas restrições, percebemos que ela pode “escolher”, de maneira mais ou menos reflexiva, elementos culturais em seu ambiente sociocultural ou em suas culturas pessoais como possíveis ferramentas para agir sobre as coisas.

(...) (minha irmã falou para mim) “Engraçado que você, hoje, você estuda prostitutas que é o contraponto, se a gente for pensar, eram as mulheres que meu avô estava, que é o contraponto da nossa avó, né?” (...) É, é verdade, talvez eu hoje tente entender o lado de lá, né? Entender o lado de lá pra não julgar também. Porque a minha avó estava numa ponta, mas as outras mulheres também estavam na outra ponta”. A minha opção pelos temas, por onde eu caminho, tem muito a ver com...é como se, de certa maneira, esse legado (de violências) que ela (a avó) deixou pra gente, (...) eu, tentasse meio que resolver isso, né? (GÉRBERA)

Pertinente enfatizar que uma esfera de experiência designa uma configuração de experiências, atividades, representações e sentimentos, ocorrendo recorrentemente em um determinado tipo de ambiente social (material e simbólico) – é um dos vários padrões regulares de experiência estabilizados nos quais é provável que uma pessoa se envolva em uma base regular (ZITTOUN, 2007).

Uma determinada pessoa pode, assim, ter um certo tipo de experiência em casa com sua esposa, no trabalho com seus colegas ou com seus clientes, em seu clube de futebol. Cada uma dessas esferas de experiência exige certas maneiras de fazer e certo domínio de conhecimento e experiência; tais memórias ativam certos modos relacionais, papéis sociais e, portanto, aspectos de identidade; e envolvem diferentes esferas de experiências, tendo dois tipos de implicações: primeiro, que uma nova esfera de experiência pode emergir ou desaparecer; segundo, que as pessoas, para navegar dentro e através dessas esferas de experiências, precisam articulá-las com as de outras pessoas (VALSINER, 2007).

Com base nas transcrições mencionadas sobre as memórias das narrativas de memórias traumáticas das avós, ficou evidenciado que a transmissão das memórias do passado das avós tem uma forte conexão com o momento presente, possibilitando, assim, um vínculo especial de compartilhar sentimentos, anseios e angústias vividas pelas avós.

4.3 DAS MEMÓRIAS TRANSGERACIONAIS

A título de esclarecimento, o termo intergeracional diz respeito à transmissão de conteúdos numa mesma geração, sem necessariamente ser transmitida à seguinte. E transgeracional significa que a transferência de conteúdos envolve várias gerações, sendo que estas podem ou não estar ligadas diretamente.

Foi Bowen (1978), conhecido por seu conceito de “massa do eu familiar”, que levantou o problema da transmissão da angústia de uma geração a outra, e afirmou que o sistema familiar é uma realidade tridimensional, sendo as famílias humanas uma unidade emocional, na qual relações familiares passadas manifestam-se no presente.

Ou seja, ele vê os membros de uma família ligados numa unidade emocional, como uma teia relacional que possui papel fundamental na vida do indivíduo, e a sua dinâmica de funcionamento faz com que seus membros procurem uma certa

estabilidade para a sua manutenção (homeostase), e na qual o comportamento de um dos membros da família influencia no comportamento dos demais (ELKAÏM, 1998).

Então, toda e qualquer história que um dia eu ouvi sobre a minha avó é ouro. É ouro e vale muito pro meu momento hoje (maternidade). Minha filha com 2 anos, e eu me pergunto: Como será amanhã? Como minha avó resolveria isso aqui? E os meus comportamentos também com minha filha, meus comportamentos com minha família, como eu devo proceder, como eu não devo proceder, como eu devo me comportar, sabe? Essa tal serenidade dela, o equilíbrio, eu busco, pelo menos, chegar pertinho. (ROSA)

Analisando as falas das netas, percebemos que existem traços marcantes de algumas lembranças das avós tão significativas que moldam nossas personalidades e desempenham um papel na determinação de nosso estilo de vida. Embora as avós já tenham falecido, elas não são invisíveis, pois as netas estão cientes de sua visibilidade através dos relatos contados e recontados pelos seus familiares.

O meu gosto pela costura, por trabalhos manuais, o meu jeito de ser, talvez, calmo, a minha gaitice, e as minhas escolhas profissionais também (puxaram à avó). Eu já tive atelier de costura, eu fazia coisas com tecidinhos delicados. E, hoje, sou psicóloga, cuido dos outros (como a avó) (...) Muito do que sou, acredito que tenha tido influência dela. Não sei como essa influência chega até a mim, não sei se apenas pelas narrativas da minha mãe e tias, ou se há uma outra forma também. (MARGARIDA)

As psicologias culturais contribuíram para nossa compreensão da pessoa em desenvolvimento. Diferentes abordagens e orientações teóricas coincidem no reconhecimento dos quadros sociais e culturais da pessoa como “constitutivos” de seus pensamentos e atividades (BRUNER, 1996). A noção de ‘cultura pessoal’ ajuda a identificar o resultado único da internalização ou reapropriação de significados disponíveis com os quais as pessoas se familiarizam por meio de sua interação com pessoas e objetos semióticos (VALSINER, 1998); culturas pessoais oferecem uma base para ação e pensamento.

No caso das netas, constatamos que os elementos culturais oriundos das vivências das suas avós são constelações simbólicas complexas, como objetos ou ritos dentro da família, tradições compartilhadas diacronicamente, ou livros, ou novelas ou pinturas, feitas de organizações de unidades semióticas em objetos discretos, disponíveis em uma dada sociedade. Os elementos culturais têm um

substrato material e, neste sentido, têm uma continuidade histórica, carregando significados outrora encapsulados, além do fato de serem objetos de leitura ou observação sempre renovada.

Elementos culturais podem ser internalizados e memorizados; porém, quando são “acostumados” a fazer algo – agir de acordo com as realidades sociais, modificar a compreensão – tornam-se “instrumentos” (como, por exemplo, em Vygotsky (1928) e Weimer (2010)). Para enfatizar o papel ativo de uma pessoa, chamamos a tais elementos de “recursos simbólicos”. Estes são elementos culturais mobilizados por uma pessoa em uma situação não relacionada à situação de sua internalização, e que é usado como meio para fazer alguma coisa (ZITTOUN, 2011).

Uma questão interessante é como uma pessoa específica, em uma determinada situação, escolhe um dos instrumentos possíveis à sua disposição e o utiliza para resolver a situação em questão. Esse instrumento pode ser mais ou menos eficiente nessa situação e pode ser manuseado com mais ou menos domínio. A formulação da questão da atividade simbólica em termos de “usos” confere alguma importância pessoal. Dá menos ênfase ao relacionamento entre as netas e as memórias de suas avós, sendo estes elementos culturais na fase de internalização e mais para o próximo momento – quando estes são mobilizados novamente e usados no pensamento e na ação (nos quais externalizações podem ser uma variação) (VALSINER, 2001).

Finalmente, como estas estão sempre situadas no âmbito social, cultural e historicamente, seu uso pode produzir efeitos adicionais devido a essas conotações. Desta maneira, os recursos simbólicos podem ter consequências não apenas para o modo como a pessoa pretendia agir ou fazer com o elemento cultural (o que era conscientemente procurado), devido às muitas camadas do funcionamento simbólico de tais elementos. Esses efeitos, entretanto, resultam do uso intencional de recursos simbólicos.

As falas de Rosa, Tulipa e Gérbera ilustram perfeitamente o efeito simbólico nos relatos de suas vidas, como reflexo em suas vidas; a transitoriedade das representações trazidas da vida de suas avós.

Tem a sabedoria, porque, assim: pra pessoa ser equilibrada, tem que ter sabedoria. Então, a sabedoria que ela tinha, eu não a conheci, mas pelas histórias, eu tento trazer pra mim, sabe, essa busca de equilíbrio [...] eu faço jus a isso, eu tenho prazer que o outro perceba

isso, os valores que meu pai adquiriu e que eu adquiri do meu pai, e que foi adquirido da mãe dele, minha avó. Sem eu saber e sabendo que foi minha avó, isso me deixa feliz e comovida, e eu quero passar adiante. (ROSA)

Ela (a mãe) era muito dedicada aos outros, muito bondosa e compassiva. Eu tento exercer isso e passar isso para a minha filha, a neta dela. (TULIPA)

(...) minha avó está presente naquilo que eu sou enquanto mulher, na minha resistência com alegria, que é a resistência dela. (GÉRBERA)

Os recursos simbólicos relatados nas entrevistas podem ser variados e ser observados no nível da microgênese do significado, onde seus componentes semióticos podem participar de processos de regulação do pensamento e da emoção (VALSINER, 2001). No entanto, em elementos culturais, componentes semióticos são organizados e estruturados; seu conteúdo potencial de significado e poder transformador resultam de sua totalidade organizada, e a interpretação de uma pessoa sobre isto, embora infinita, é, contudo, restringida por essa organização.

(...) eu acho que meu pai levava a gente na casa dela (a tia) justamente pra gente ter justamente alguma memória, alguma referência de alguém que parecesse com a minha avó. Porque elas se pareciam fisicamente muito com a minha avó, na fotografia a gente percebe isso, e os traços, meu pai diz que se minha avó tivesse a idade delas, a minha avó, hoje, seria assim, da forma como elas são. (...) eu acho que o impacto da escuta das falas do meu pai na minha vida acerca da minha avó, isso aí eu não tenho dúvidas que isso é muito forte, é grande, talvez hoje eu tenha consciência de algumas coisas, talvez, outras, eu não tenha tanta consciência ainda, né? Mas sim, tem. (HORTÊNCIA)

Os períodos de transição são candidatos particularmente interessantes para examinar mudanças psicológicas emergentes: eles podem romper o equilíbrio, catalisar processos psicológicos ou induzir o rearranjo e, assim, oferecer laboratórios naturais para o desenvolvimento psicológico (ZITTOUN, 2003). Uma transição nem sempre pode ser percebida como tal pelos indivíduos (LINDENBERGER; BALTES, 2000), mas algumas atividades, ligadas à construção de significado, podem de fato revelar que uma pessoa está lidando com uma transição percebida e engajada em processos de mudança.

Numerosos estudos examinaram recursos cognitivos e sociais que podem facilitar aspectos de mudanças durante a transferência de conteúdos envolvendo

várias gerações, conforme relatado nas falas das netas entrevistadas. Esses estudos, geralmente, examinam tipos de mudanças para as quais os recursos são necessários (ZITTOUN, 2008b), permitindo que um sujeito aja, se comunique, seja legitimado, se comporte e pense conforme alguém da geração anterior – no caso do presente estudo, as avós (VALSINER, 2008).

[...] vários: caráter, a questão de ser guerreira, de enfrentar os obstáculos... e a questão dela ter enfrentado tudo o que ela enfrentou com meu pai, querendo estar junto. Isso, querendo ou não é um exemplo. Sofria, mas tava ali, em prol dos filhos. Viveu sendo maltratada e queria estar junto. Não é que ela era sempre era maltratada. Meu pai saía pra curtir, tinha envolvimento com outra mulher... mas isso fez ele sofrer depois, ele a cobrava muito depois [...] Imagem, nenhuma, vem a imagem que falaram pra mim. A imagem que vem são as imagens que as pessoas passam da pessoa que ela era, da pessoa que ela representava para todo mundo da família. Ela era uma pessoa boa, pessoa de bom coração, uma pessoa muito família, compreensiva, dedicada, uma excelente esposa, mulher guerreira... Eu me espelho muito nessas memórias que tenho dela, e percebo que minha filha se comporta de forma muito parecida. (TULIPA)

Percebemos a redefinição de identidades, conforme reveladas pelas netas, envolvendo a construção e mobilização da representação de si mesmo no passado e de possíveis Eus no futuro em um determinado local sociocultural. Zittoun (2003) sugere que a pessoa em desenvolvimento participe ativamente, utilizando recursos simbólicos, apropriando-se de sinais disponíveis na cultura coletiva, além de recriá-la a partir de sua própria experiência pessoal.

Os processos de transição são desencadeados por rupturas ou descontinuidades que ocorrem quando as pessoas enfrentam situações que questionam o que elas dão como certo, seus campos de significado operacional existentes ou conjuntos semióticos (ZITTOUN, 2009). Essas representações se baseiam em memórias pessoais e representações socioculturais, moduladas por locais específicos. As redefinições são limitadas pelo senso de consistência e continuidade pessoal.

Peixoto (2011) demonstra a construção de um significado pessoal da própria transição e de seus componentes e a inscrição desse significado em uma narrativa pessoal geral, não necessariamente verbal. Tais significados requerem uma elaboração de prolongamentos parcialmente inconscientes, emocionais e corporais

da experiência de alguém. Significado e elaboração emocional são as condições para novas aprendizagens ou definições de identidade.

Qualquer afirmação a respeito do desenvolvimento envolve uma postura normativa, e aqui tentaremos esclarecer a nossa. Dizer que uma transição é desenvolvimental implica que uma pessoa pode deixar a posição que ocupava antes e, com base em habilidades e/ou conhecimentos anteriores, gerar maneiras de pensar ou agir que a preparem para encontrar um caminho através da incerteza em direção a uma nova regularidade. Seu sucesso supõe um duplo reconhecimento: pelo meio ambiente, isto é, reconhecimento por outros, e uma correspondência com a situação alterada (as novas ações ou o pensamento ‘funcionam’); e por si mesmo.

Por um lado, isso implica mais do que manter maneiras de fazer e pensar que estão desatualizadas ou mais do que ajustar radicalmente os requisitos de uma nova situação. Sempre exige que a mobilização de algo (uma habilidade, um conhecimento) que tenha sido útil no passado, seja transformado, recomposto ou usado de uma maneira radicalmente nova. Assim, pode envolver muita tentativa e erro, ou muitas explorações aleatórias – a pessoa precisa de algum tempo e espaço (isto é, a transição).

Por outro lado, há de fato a sensação de ser o mesmo através da mudança que a pessoa precisa manter; uma mudança que “funcione” pode alienar uma pessoa de si mesma e, portanto, seria uma mudança “ruim”. No entanto, muita fidelidade ao antigo Eu pode alienar uma pessoa dos requisitos de uma nova situação (SCHUTZENBERGER, 1997).

Sendo assim, de acordo com Zittoun (2004), é necessário um espaço flexível à mudança, para encontrar uma “mudança suficientemente boa” entre manter o passado e criar novidades. A flexibilidade de cada pessoa tem um limite: dor psíquica insuportável. Se os recursos simbólicos podem ser usados para o desenvolvimento psicológico durante um período de transição que fazem isso como parte dessa dinâmica de mobilizar formas conhecidas de pensar, agir ou representar em um novo insight que é orientado para o desconhecido.

A metáfora de ‘usos’ de algo por alguém durante uma transição implica que alguém pode ou não pode usar ou pode se tornar um especialista na escolha de elementos que podem ser transformados em recursos simbólicos para um resultado de desenvolvimento da transição. Em uma perspectiva de desenvolvimento, é claro que isso pode levantar questões relacionadas à ‘competência’ de usos simbólicos.

No caso das narrativas aqui analisadas, elas dão ao indivíduo um senso de identidade, e criam uma história para transmissão e apego das novas gerações. Se conhecemos o passado da família, no caso, das avós, podemos contar a história de como é. As características desta figura simbólica no seio familiar que é a avó, e eventos traumáticos que os familiares testemunharam ou experimentaram, são transferidos para as gerações posteriores. Memórias e discursos traumaticamente esmagadores, insuportáveis e inimagináveis vão além do discurso social e são passados para as gerações futuras como ternura emocional ou urgência caótica. Várias teorias e métodos foram desenvolvidos para entender e esclarecer essa transmissão.

Podemos dizer que a interiorização é um período em que um certo número de representações, entendimentos, rotinas ou identidades são colocadas em evidências. Diante do mencionado, vejamos as falas da neta que, a nosso ver, correspondem ao aspecto da interiorização.

Mas eu não vi pessoalmente a mulher que dizem que eu pareço. E isso me interessa. Você já pensou alguém perto de você, igualzinho, perto de você, em detalhes, modo de falar? Modo de olhar? De pentear o cabelo? Meu pai diz que eu penteava o cabelo igual a ela. (ROSA)

E o que ele me dizia com relação a mim era sobre a minha calma que parecia muito com ela, e os cabelos duros. Eu nunca passei ferro, mas que ela tinha todo esse cuidado. Que os cabelinhos duros eram parecidos com os meus. (ROSA)

A partir da análise dos relatos da neta Rosa, observamos a redefinição de identidades, envolvendo a construção e a mobilização da representação de suas avós no passado, correlacionando com os possíveis Eus no futuro, em um determinado local sociocultural.

E meu pai sempre dizia: “Nossa, vocês parecem muito com ela: no jeito, no físico, né, a forma de pentear o cabelo, é... essas coisas”. E o meu tio também fala isso pra minha prima, né? Então, no fundo, eu acho que meu pai colocava a gente em contato com a minha tia, meio que pra gente beber um pouco disso, sabe? É..., ele fazia questão de levar a gente pra casa dela, porque a gente ficava observando o jeito como ela fazia as coisas, e muitas vezes ele falava: “Ah, você viu o jeito que a tia Célia falou?”. (GÉRBERA)

Essas representações se baseiam em memórias pessoais e representações socioculturais, moduladas por locais específicos. As redefinições são limitadas pelo senso de consistência e continuidade pessoal (LINDENBERGER; BALTES, 2000).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais resultados da pesquisa demonstram que a percepção do papel da neta já na fase adulta é moldada por meio de transferência intergeracional e pela internalização de normas e padrões de comportamento dos pais que foram repassados pelas avós. Consideramos que os objetivos propostos foram contemplados. Porquanto os resultados sugerem que a trajetória sombria a qual teve o seu conceito extrapolado no presente trabalho, emerge, nas narrativas revividas pelas netas através de uma percepção de obrigação filial e de responsabilidade que, por vezes expressam opiniões mais positivas.

Os resultados parecem sustentar que a expectativa de que os significados das memórias transgeracionais e a interiorização refletem os significados e experiências sobrepostos, conforme os relatos das netas. A identidade simbólica das avós está significativamente relacionada ao bem-estar, a uma identidade no modelo. Finalmente, a identidade familiar intergeracional aparece conectada aos significados da identidade das avós quando refluem significativamente nas experiências vividas pelas netas.

A realização do presente estudo foi muito interessante por várias razões, principalmente como possível consequência do fato de haver relativamente poucas pesquisas que abordam a relação entre avós falecidas e suas netas. O papel dos avós é extraordinariamente variado em sua forma e função. De fato, vários estudos mencionados nesta pesquisa observam que o papel dos avós possui poucas normas explícitas e o descrevem como um papel “tênue” ou “ambíguo”.

Além disso, a figura das avós é frequentemente associada a normas de velhice cada vez mais inadequadas instituídas pela sociedade de que o sujeito idoso não pode colaborar socialmente, isso se deve a faixa etária e às trajetórias de vidas da maioria dos avós que enfrentaram ao longo de suas vidas. Finalmente, tornar-se avó é relativamente incomum, pois a entrada formal nesse papel não depende das ações da pessoa, mas da fertilidade das gerações posteriores. Tornar-se avó é inicialmente um processo duplo, significando a transição para a parentalidade e a transição para ser avó.

O reconhecimento e a conexão entre as memórias narradas dos filhos para as netas tendem, por vezes, a combinar não somente as memórias, mas também as identidades dos pais e das avós para formar uma identidade familiar intergeracional:

a identidade familiar resgatada e revivida conforme os relatos das netas descritos na pesquisa.

A interiorização percorrida adequou-se ao pensamento de Zittoun para se concentrar nos significados sociais e cognitivos do *self*. Identidade numa perspectiva interacionista simbólica refere-se a significados próprios em papéis, em oposição à integridade geral das imagens e das lembranças. À medida que os indivíduos avançam no curso da vida, adquirindo novos papéis e saindo de outros, eles ativamente constroem identidades, reportando-se às memórias dos antepassados. Em uma análise realizada por Zittoun foi possível prever que as memórias e as imagens relatadas pelas netas contribuiriam para amenizar as reminiscências das histórias de memórias traumáticas vividas pelas avós, relatadas pelos pais, como, por exemplo, acontecimentos de sofrimento, consternação, angústia, as quais refletiram na vida das netas, segundo o que elas afirmaram no estudo de caso realizado.

Foi possível reconhecer, a partir de uma extensão do conceito de trajetória sombra – que originalmente referia-se a algo de ordem individual, para algo relacionado ao transgeracional –, que papéis e memórias não existem isoladamente, mas emergem em contraste e em comparação com significados veiculados por narrativas da experiência das gerações passadas. Assim, compreende-se que a figura simbólica das avós se sobreponha e compartilhe significados com os pais e depois com as netas. No entanto, embora seja esperado que as pessoas compartilhem significados com papéis relacionados, a relação entre avó e neta sugere significados extensos e sobrepostos.

Vários pesquisadores reconhecem que os pais servem como guardiões das memórias e mediam a quantidade de contato e a qualidade das lembranças das avós para as netas, dentre eles, podemos citar: Oliveira (2011), Netto (2008), Ramos (2015) e Monteiro (2011). Nesta pesquisa, alguns relatos, a imagem da avó também foi descrita como uma extensão da função pai. Observamos que as memórias das avós podem impactar no reflexo e nas habilidades parentais das netas.

É nossa expectativa que as memórias transgeracionais das avós estejam positivamente relacionadas aos significados de identidade positivos na vida social das netas; como um papel valorizado, estas devem incentivar a autoestima de forma positiva, o que pode impedir lembranças negativas, porquanto os significados da identidade familiar entre gerações também estejam positivamente relacionados à

autoestima e negativamente relacionados a alguns comportamentos negativos vivenciados pelas netas.

Os registros das experiências das avós estão conectados com as experiências de ser pai ou mãe. Logo, não surpreende que os significados das memórias e identidade das avós e dos pais sejam incluídos nas mesmas análises feitas pelas netas. Entretanto, combinar significados das memórias das avós em uma medida de identidade familiar entre gerações produz um fator relacionado ao resgate da história para uma reparação. Além da relação demonstrada, a identidade familiar entre gerações destaca ainda mais a ligação entre as avós e os papéis dos pais na projeção de suas filhas, no caso, as netas.

As memórias das avós, sobretudo as imagens e lembranças das avós, estão interrelacionadas, e parece válido e apropriado considerar um papel aninhado e combinado – o papel da família intergeracional – que reflete os significados e experiências sobrepostos na vida das netas. A identidade da família intergeracional pode ser particularmente apropriada para as experiências recontadas e revividas pelas netas, semelhantes às experiências passadas pelas avós.

Esta pesquisa teve pelo menos duas limitações. Primeiro, seu alcance é local. Todas as entrevistadas são da cidade de Salvador-Bahia. Embora os resultados do estudo de caso forneçam um conjunto diversificado de avós, uma pesquisa com extensão nacional representativa nos permitiria generalizar nossas descobertas.

Segundo, neste estudo, estamos limitados aos dados coletados em um único momento e, portanto, temos apenas um instantâneo das narrativas das memórias das avós. Seria fascinante explorar as memórias da segunda geração, os bisnetos, reconhecendo que os significados das memórias, lembranças e identificação projetiva podem sofrer forte influência ao longo do tempo. Ademais, esperamos que as memórias das avós, assim como a identidade dos pais e a família intergeracional, estejam mais fortemente relacionadas ao bem-estar das netas.

Entretanto, as limitações ora descritas não desmerecem, de modo algum, a relevância que a presente pesquisa tem para aplicabilidade prática na clínica e na educação. Visto que os resultados também sugerem que os significados da interiorização das avós e os significados da identidade familiar intergeracional estão mais fortemente relacionados positivamente à dinâmica da trajetória de vida das netas em relação aos seus costumes, preferências, manias, vestimentas e, sobretudo, à trajetória sombria alinhada aos relatos de nostalgia não presenciada e

contentamento de ter traços simbólicos da avó que apenas foi conhecida pelas memórias.

De qualquer forma, é consensualmente admitido que o desenvolvimento ao longo do curso de vida é melhor entendido como um processo dinâmico, caracterizado pelas dependências mútuas das vidas, suas dimensões sociais, a importância das transições etc. (VALSINER, 2006). Vamos, então, enfatizar especialmente quatro aspectos:

1. As pessoas estão localizadas no mundo; elas se desenvolvem em um complexo sistema de interações – na sua proximidade imediata, com outras pessoas, com objetos, depois com situações específicas; todavia, essas pessoas também são incorporadas e moldadas por instituições sociais mais amplas, debates sociais, ideologias geralmente difundidas, limitações materiais entre outros. Não se pode entender as trajetórias individuais sem levar em consideração essas dinâmicas. Aqui, focamos nos aspectos interpessoais, situacionais e sociais.
2. As pessoas precisam ser entendidas como um todo – sua compreensão se desenvolve em conjunto com sua vida emocional, suas mudanças físicas, suas experiências relacionais etc. Aqui, nosso foco centrou-se no entendimento das pessoas sobre a diversidade de experiências.
3. O desenvolvimento segue uma lógica de diferenciação e indiferenciação: à medida que as pessoas desenvolvem ações e capacidades mais diferenciadas ao longo do tempo, elas também se diferenciam cada vez mais de outras em seu ambiente imediato. É claro que alguns movimentos podem, em diferentes níveis das organizações, levar à perda de diferenciação (como sentimentos estéticos gerais ou fenômenos de massa) (VALSINER, 2008; ZITTOUN, 2008a).
4. O desenvolvimento ocorre através de formas de padrões temporariamente estabilizados de ações, de pensamentos e de capacidades, progressivamente integrados e hierarquicamente organizados (ZITTOUN, 2016; ZITTOUN, 2003; WEIMER, 2010). Esses padrões relativamente estáveis de ações são identificados como a identidade de uma pessoa, suas habilidades, seus valores etc.

Todo desenvolvimento dos fenômenos simbólicos é necessariamente baseado na incerteza entre o que já se desenvolveu e o que poderá se desenvolver no próximo momento. Como tal, o desenvolvimento requer uma orientação para o presente que contraria nossas concepções usuais.

Nos casos relatados pelas netas, percebe-se que estas tem dificuldade em entender que o presente foi influenciado pelo passado, mas não costumamos considerar que o presente é afetado pelo futuro. De fato, a própria ideia de que o passado (as avós) pode desempenhar um papel no presente pode parecer contra-intuitiva à primeira vista. Geralmente, tendemos a pensar no (as netas) presente e no futuro como isolados um do outro.

Observamos que, atualmente, a identidade da família intergeracional ocorre bem menos, pois há uma concorrência com televisão, tablets, smartphones entre outros; as crianças ficam excessivamente distraídas com eletrônicos. Há uma falta de narrativas, de espaço para o diálogo. A riqueza do tecido intergeracional se dá pelas conversações familiares, nas quais a memória é construída e perpetuada, traduzindo significado à trajetória de uma família, e o tempo atual está perdendo isso. Tais aspectos, todavia, demandam alguns questionamentos: o que está sendo feito dessas narrativas tão fundamentais para a identidade das pessoas? Como será para as próximas gerações que estão perdendo parte desses espaços de conversas?

Compreende-se que a noção de 'competências simbólicas' propõe uma nova perspectiva sobre o uso de recursos simbólicos pela pessoa em transições, em seus locais sociais e culturais cotidianos. Além disto, designa um conjunto de habilidades e habilidades complexas, permitindo que uma pessoa use elementos culturais como recursos para elaboração simbólica, necessários para qualquer elaboração de significado adicional, transformação de identidade, construção de novos entendimentos ou aquisição de habilidades necessárias para essas transições.

Concluindo, acreditamos que futuras pesquisas sobre as avós seriam bem servidas para incluir a memória transgeracional, interiorização, trajetória sombra e o resgate da história para uma reparação, nas investigações de fatores que permitam a comparação com outras memórias ocultas. Por fim, é muito importante considerar que a figura simbólica da avó representa um conjunto com outros papéis familiares. Uma identidade familiar intergeracional combinada incentiva o reconhecimento de experiências sobrepostas entre os netos e demais gerações.

Por fim, almejamos que este trabalho contribua para análises apropriadas das temáticas discorridas no contexto da sociedade contemporânea, assim como das discussões de questões que desta pesquisa possam advir, sem qualquer pretensão de esgotar o debate, haja vista não ser esta a finalidade.

REFERÊNCIAS

- ABBEY, E.; VALSINER, J. Emergence of meanings through ambivalence. FQS: **Forum Qualitative Sozialforschung**, v. 6, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net>. Acesso em: 26 set. 2019.
- ANDRADE, C. M.; OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S. **Avô – Neto**: uma relação de risco e afeto. Santa Maria: Biblos, 2008.
- AZAMBUJA, R. M. da M.; RABINOVICH, E. P. O avô e a avó na visão dos netos. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 20, n. 2, p. 311-332, 2017.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text & Talk**, v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.
- BALDWIN, T. L. Alliance predicts patients' outcome beyond in-treatment change in symptoms. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 68, p. 1027-1032. 2007.
- BARROS, M. M. L. de. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. *In*: BARROS, M. M. L. de (Org.). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 17-38.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5 ed. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, A. V. B. O que pode fazer o psicólogo organizacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, n. 1, p. 10-18, 2016.
- BENGTSON, V.L.; ROBERTS, R. Solidariedade intergeracional em famílias em envelhecimento: um exemplo de construção de teoria formal. **Diário de Casamento e Família**, v. 53, n. 4, p. 856-870, 1991.
- BÖSZÖRMÉNYI-NAGY, I., SPARK, G. **Lealtades invisibles**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- BOWEN, M. **La terapia familiar en la práctica clínica**. Fundamentos teóricos. Bilbao, Spain: Desclee de Brouwer, 1978.
- BRANCO, A. U. Values and socio-cultural practices: pathways to moral development. *In*: VALSINER, J. (Ed.). **The Oxford Handbook of culture and psychology**. New York, NY: Oxford University Press, 2012. p. 749-766.
- BRUNER, J. S. **The Process of Education**, Cambridge. Mass: Harvard University Press, 1987.
- BRUNER, J. S. **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRUNER, J. Self-making narratives. *In*: FIVUSH, R.; HADEN, C. A. (Eds.). **Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2003. p. 209-226.

BYDLOWSKI, T. Some potencial effects of adoption on self and object representations . **The psychoanalytical study of child**, v. 35, p. 107-133, 1997.

CAMPBELL, C.; JOVCHELOVITCH, S. Community and Development: Towards a Social Psychology of Participation. **Journal of Community and Applied Social Psychology**, v. 10, n. 4, p. 255-270, 2010

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CARDOSO, A. R. **Avós no século XXI**. Curitiba: Juruá, 2011.

CHARNEY, L. Num instante: o cinema e a filosofia da modernidade. *In*: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 317-334.

COSTA, L. F. As relações familiares do adolescente ofensor sexual. **Psico USF**, v. 18, n. 1, p. 33-44, 2014.

CUNHA L. S. *et al.* **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DUVEEN, O, BENSON, S. Ten commandments for motivating language learners: Results of an empirical study. **Language Teaching Research**, v. 2, n. 3, p. 203-229, 2001.

ELKAÏM, M. Construtivismo, construcionismo social e técnicas narrativas: limites da teoria sistêmica? *In*: ELKAÏM, M. (Org.). **Panorama das terapias familiares**. Tradução de E. C. Heller. São Paulo: Summus, 1998. p. 225-251.

FALCÃO, T. T. Social representations of Health and Illness: The case of the Chinese community in England. **Journal of Community and Applied Social Psychology**, n. 9, p. 247-260, 2012.

FALCÃO, M. N. Vivências de idosos não dependentes em instituições de longa permanência. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 4, p. 563-573, 2016.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

GALVÃO, M. I. S. Avidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. *In*: FREITAS, E. V.; PY, L. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2008. p. 58-61.

GALVÃO, C. M.; SAWADA, N. O.; TREVIZAN, M. A. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 549-556, mai.-jun. 2016.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 1ª impressão revista. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, S. **Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education**. New York: D. Appleton and Company, 2003. v. 2.

HAUSER, T. Y. Health and Identity: The case of the Chinese community in England. **Social Science Information**, v. 37, n. 4, p. 709-729, 2006.

HERMANS, H. J. M.; KEMPEN, H. J. **The dialogical self: meaning as movement**. San Diego, CA: Academic Press, 1993.

HERMANS, H. J. M. The dialogical self: beyond individualism and rationalism. **American Psychologist**, n. 47, p. 23-33, 2001.

HERMANS, H. J. M.; KEMPEN, H. J. G. Imaginal dialogues in the self: Theory and method. **Journal of Personality**, v. 61, n. 2, p. 207-236, 2005.

HERMANS, H. J. M. How to perform research on the basis of dialogical self theory? Introduction to the special issue. **Journal of Constructivist Psychology**, v. 21, n. 3, p. 185-199, 2008.

HERMANS, H.; HERMANS-KONOPKA, A. **Dialogical self theory: Positioning and counter-positioning in a globalizing society**. New York: Cambridge University Press, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira - 2016**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 1, p. 29-34, 2006.

LAMMOGLIA, Ernesto. **Secretos de família: constelaciones familiares: nuevas soluciones para fortalecer tu vida**. México: Random House Mondadori, 2008.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LINDENBERGER, S. O; BALTES, H. Measuring caregiving appraisal. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, n. 44, p. 61-71, 2000.

MADUREIRA, A. F. A., BRANCO, A. U. **Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola a partir da Perspectiva de Professores/as**. **Trends in Psychology / Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015.

MCADAMS, D. P. The redemptive self: Generativity and the stories Americans live by. **Research in Human Development**, v. 3, n. 2, p. 81-100, 2001.

MIERMONT, J. (Org.) **Dicionário de terapias familiares**. Tradução de C. A. Molina-Losa. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

MONTEIRO, P. P. Somos velhos porque o tempo não pára. *In*: CORTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. A. (Orgs.). **Velhice, Envelhecimento e complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2011. p. 57-82.

MOTTA, A. B. da M. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**. v. 25, n. 2, maio/agosto 2010.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Alínea. 2005.

NETTO, M. P. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. *In*: FREITAS, E. V.; PY, L. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2008. p. 2-12.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. Infância e envelhecimento: memória e literatura. **Cadernos neolatinos**, v. 5, n. 2. 2011.

OLIVEIRA, Alessandra R. VIANNA, Lucy G.; CÁRDENAS, Carmen J.; Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.13, n. 3, 2010.

PEIXOTO, C. E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... *In*: BARROS, M. L. de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 69-84.

PRINZ, Milti. Drafting of the United Nations Convention on the Rights of the Child: Challenges and Achievements. *In*: VERHELLEN, E. (Ed.). **Understanding Children's Rights**. Ghent: University of Ghent, 2010. p. 54-69.

RAMOS, A. C. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015.

RICOEUR, Paul. **O percurso do reconhecimento**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

SCHUTZENBERGER, A. A. **Meus antepassados**. Vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma. Tradução de José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1997.

SHANTZ, Simmel, G. The sociology of conflict I. **American Journal of Sociology**, v. 9, n. 4, p. 490-525, 2009.

SALGADO, M. N; GONÇALVES, K. S. Em torno do conceito *locus de controlo*. **Revista Máthesis**, n. 9, p. 297-314, 2000.

SALGADO, J.; GONÇALVES, M. M. The dialogical self: social, personal, and (un)conscious. In: VALSINER, J.; ROSA, A. (Eds.). **The Cambridge handbook of social cultural psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 608-621.

SANJURJO, L. L. Sangue, Identidade e Verdade Histórica: Crianças Desaparecidas e Memórias sobre o Passado Ditatorial na Argentina. **Sociedade e Cultura**, v. 15, n. 2, p. 427-438, 2014.

SANTOS, C.; BIANCALANA, G. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, v. 7, n. 2, p. 53-63, 2017.

SILVA, C. & PAIT, H. **Lugares da Memória. O recompor da cultura migrante entre avós e netos**. IV Seminário Internacional do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Olhares e diálogos sociológicos sobre as mudanças no Brasil e na América Latina. 2013.

SOUZA, M. J. de. **A reinvenção do eu: desdobramentos do fenômeno mnemônico em dois irmãos e o vale da paixão**. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SPENCE, D. **Narrative truth and historical truth**. New York: Norton, 2001.

TEIGA, S. A. M. **As relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas: Envelhecer numa sociedade não Stop** - O território multigeracional de Lisboa Oriental. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária) – Escola Superior de Educação de Lisboa, 2012.

TEIXEIRA, M. A .P., BARDAGI, M. P.; GOMES, W. B. Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. **Avaliação Psicológica**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2004.

VALSINER, J. **Culture and the development of children's action**. 2 ed. New York: Wiley, 1997.

VALSINER, J. Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. **Theory & Psychology**, n. 12, p. 251-265, 1998.

VALSINER, J. **Culture and the development of children's action**. Chichester: Wiley. 2001.

VALSINER, J. **The guided mind**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 2004.

VALSINER, J. Affektive Entwicklung im kulturellen Kontext. *In*: ASENDORPF, J. B. (Ed.). **Enzyklopädie der Psychologie**. Soziale, emotionale und Persönlichkeitsentwicklung Göttingen: Hogrefe, 2005. p. 677 728. vol. 3.

VALSINER, J. The overwhelming world: Functions of pleromatization in creating diversity in cultural and natural constructions. **Keynote lecture at International School of Semiotic and Structural Studies**, Imatra, Finland, n. 12, jun. 2006.

VALSINER, J. **Culture in minds and societies**. New Delhi: Sage. 2007.

VALSINER, J. Constructing the internal infinity: dialogic structure of the internalization/externalization process. **International Journal of Dialogical Science**, n. 2, 2008.

VALSINER, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Tradução e Revisão técnica de Ana Cecília de Souza Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALSINER, J, LAURENCE. **Culture and human development**. 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1928.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1930.

WEIMER, O. P. **Sexo, símbolo e solidariedade**: ensaios de psicologia evolucionista. Florianópolis: UFSC, 2010.

ZITTOUN, T. **Transitions. Development through symbolic resources**. Greenwich (CT): InfoAge, 2003.

ZITTOUN, T. **Melodies of living**: Developmental science of the human life course. Charlotte, NC: Information Age. 2004.

ZITTOUN, T. **Transitions**: development through symbolic resources. Charlotte, NC: Information Age, 2006.

ZITTOUN, T. Symbolic resources and responsibility in transitions. **Young**, n. 15, p. 193-211, 2007.

ZITTOUN, T. Dynamics of interiority: ruptures and transitions in self-development. *In*: SIMÃO, L. M. ; VALSINER, J. (Eds.). **Otherness in question**: Labyrinths of the self. Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2008a. p. 187-214.

ZITTOUN, T. Symbolic competencies for developmental transitions: the case of the choice of first names. **Culture Psychology**, 10, 131-161, 2008b.

ZITTOUN, T. Difficult secularity: Talmud as symbolic resource. Outlines. **Critical Social Studies**, v. 8, n. 2, p. 59-75, 2009.

ZITTOUN, T. **Donner la vie, choisir un nom**. Engendrements symboliques. Paris: L'Harmattan, 2011.

ZITTOUN, T. **Engendrements symboliques. Devenir parent: Le choix du prénom**. 2012. Dissertation (Unpublished doctoral) – University of Neuchâtel, Switzerland, 2012.

ZITTOUN, T. 'Symbolic Competencies for Developmental Transitions: The Case of the Choice of First Names'. **Culture and Psychology**, v. 10, n. 2, p. 161-71, 2016.

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE OFERTA DE SUPORTE PSICOLÓGICO

DECLARAÇÃO

Eu, Mirian Bastos de Almeida, portador do CPF 131.891.825-15 e RG nº 1350558-06, psicóloga, inscrito no CRP-03/15197, declaro para os devidos fins que estarei disponível para prestar total suporte psicológico, a qualquer tempo, sem onerar o participante, caso seja necessário, para os entrevistados durante a pesquisa realizada por Izabelle Cristiane Siqueira Nossa, cuja dissertação intitula-se “Há mortos mais vivos que muitos vivos. Avós não conhecidas e identidade de netas”, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, e orientada pela prof. Dra. Ana Cecília Bittencourt Bastos. As entrevistas serão realizadas com adultos entre 35 e 50 anos.

Subscrevo-me



Mirian Bastos de Almeida

CRP-03/15197

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/A senhor/a está sendo convidado/a a participar, como voluntário/a, de uma pesquisa intitulada: HÁ MORTOS MAIS VIVOS QUE MUITOS VIVOS. AVÓS NÃO CONHECIDAS E IDENTIDADES DE NETAS, que será desenvolvida pelas pesquisadoras Isabelle Cristiane Siqueira Nossa (mestranda) e Ana Cecília de Sousa Bastos (professora orientadora), do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar os processos de regulação afetivo-semiótica através dos quais a figura de avós não conhecidas se presentifica na construção da identidade de netas. A sua participação no estudo consiste em responder algumas questões elaboradas pela pesquisadora na forma de entrevista narrativa. Tendo um roteiro temário de questões pré-estabelecidas que inclui perguntas relacionadas à caracterização da família e das memórias que as netas têm de suas respectivas avós, que terá duração aproximada de 60 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o/a senhor/a poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o/a senhor/a (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o/a senhor/a poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Caso o/a senhor/a autorize, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pelo/a senhor/a, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda das pesquisadoras que, após a transcrição não identificada da mesma, apagará o conteúdo gravado.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, o/a senhor/a será ressarcido/a.
- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo/a a refletir sobre a relevância das relações de netas com as possíveis memórias que têm de suas avós não conhecidas fisicamente. Além disso, será ampliada a investigação sobre relação de avós e netas na cidade do Salvador - BA.
- Há o risco de constrangimento em decorrência da entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, o/a senhor/a receberá amparo e apoio psicológico, caso não dispunha de plano de saúde no momento, a pesquisadora estará disponível para encaminhá-lo (a) para a psicóloga Mirian Bastos de Almeida, CRP-03/15197, telefone (71) 98105-3300.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o/a senhor/a e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone:

Isabelle Cristiane Siqueira Nossa – Telefone: (71) 99939-5356

Universidade Católica do Salvador - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador- Ba, CEP: 40.231-902

Eu, _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Há mortos mais vivos que muitos vivos. Avós desconhecidas fisicamente e identidade de netas.

Pesquisador: IZABELLE CRISTIANE SIQUEIRA NOSSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 13104919.6.0000.5628

Instituição Proponente: ASSOCIACAO UNIVERSITARIA E CULTURAL DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.327.537

Apresentação do Projeto:

No mundo atual, a maior expectativa de vida permite um maior relacionamento entre as gerações, favorecendo a troca de experiências e transmissão do legado entre as gerações e, a construção da formação da identidade da pessoa. O presente estudo pretende compreender a influência das narrativas acerca de avós não conhecidas fisicamente na constituição identitária das suas netas por meio de um estudo de casos múltiplos. Serão entrevistadas seis pessoas, sendo três netas de idades variando entre 35 e 50 anos, que não conheceram a avó fisicamente, e que aceitaram o convite de contribuir com suas informações para a pesquisa e seus respectivos pais, mães ou outras figuras de afeto. As narrativas serão submetidas à 'análise de discurso'. Os participantes do estudo serão escolhidos por conveniência, através da técnica snow ball ou "Bola de Neve".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a influência de avós desconhecidas fisicamente na formação da identidade de suas netas.

Objetivos Secundários:

1. Analisar as narrativas de histórias de vida de netos de avós desconhecidos fisicamente;
2. Conhecer as relações de netos de avós desconhecidos fisicamente com as possíveis memórias que têm das relações com seus netos;

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589

Bairro: PITUACU

CEP: 41.740-090

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

Fax: (71)3203-8975

E-mail: cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 3.327.537

3. Identificar aspectos que possam ter relação com formas canônicas de avós na constituição imagética dos avós para os netos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: “Por tratar-se de narrativas familiares, há possibilidade de desencadeamento de desconfortos, constrangimento em decorrência da entrevista ser gravada, do fato de serem abordados conteúdos íntimos, podendo aparecer também estresse emocional relacionado ao assunto doença e/ou morte das avós não conhecidas fisicamente. Caso isso aconteça, a pesquisadora dará o apoio necessário, não se obstando de encaminhar o entrevistado para apoio psicológico com profissional.”

Benefícios: “Autoconhecimento, além da pesquisa poder contribuir para promover modos mais salutares e adaptativos de vida em família, dando espaço para que as diferentes experiências possam ecoar e ser acolhidas, compartilhadas e elaboradas pelos seus membros.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem construído e fundamentado com uma discussão teórica consistente e apoia-se na perspectiva de que as histórias, a cultura e as tradições, que são passadas de uma a outra geração são fundamentais para a compreensão do comportamento humano e a formação de identidade. É esperado que esta pesquisa possa contribuir para promover o aprimoramento dos modos de convívio familiar, acolhendo as diferentes experiências compartilhadas e elaboradas pelos seus membros.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos os termos obrigatórios: Folha de rosto; a declaração da Psicóloga, o TCLE; Orçamento; cronograma, o qual contempla a coleta de dados para junho, após a aprovação do CEP; Roteiro de entrevistas – cujas perguntas não se observa nenhum aspecto que possa trazer constrangimento ao participante; Projeto – entretanto, foi cadastrado no portal uma versão com detalhes que fazem crer que não foi a definitiva, a exemplo do título, que tem a palavra fisicamente riscada HÁ MORTOS MAIS VIVOS QUE MUITOS VIVOS: AVÓS NÃO CONHECIDAS FISICAMENTE E IDENTIDADE DE NETAS

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589
Bairro: PITUACU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 3.327.537

Recomendações:

Retificar o título do Projeto conforme consta no protocolo da Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto atende ao disposto na Resolução 466/12, a Resolução escolhida pelas autores.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião do colegiado, ocorrida em 15/05/2019, fica deliberado que o projeto está aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1334212.pdf	05/05/2019 09:58:16		Aceito
Folha de Rosto	Izabellefolhaderosto.pdf	05/05/2019 09:57:28	IZABELLE CRISTIANE	Aceito
Outros	Psicologo.pdf	29/04/2019 15:23:03	IZABELLE CRISTIANE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	29/04/2019 10:41:17	IZABELLE CRISTIANE SIQUEIRA NOSSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	29/04/2019 10:40:18	IZABELLE CRISTIANE SIQUEIRA NOSSA	Aceito
Outros	roteiro.doc	29/04/2019 10:39:10	IZABELLE CRISTIANE	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	29/04/2019 10:38:17	IZABELLE CRISTIANE	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	29/04/2019 10:38:07	IZABELLE CRISTIANE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589
Bairro: PITUACU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SALVADOR - UCSAL



Continuação do Parecer: 3.327.537

SALVADOR, 15 de Maio de 2019

Assinado por:
ANDERSON ABBEUSEN FREIRE DE CARVALHO
(Coordenador(a))

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589
Bairro: PITUACU **CEP:** 41.740-090
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3203-8913 **Fax:** (71)3203-8975 **E-mail:** cep@ucsal.br